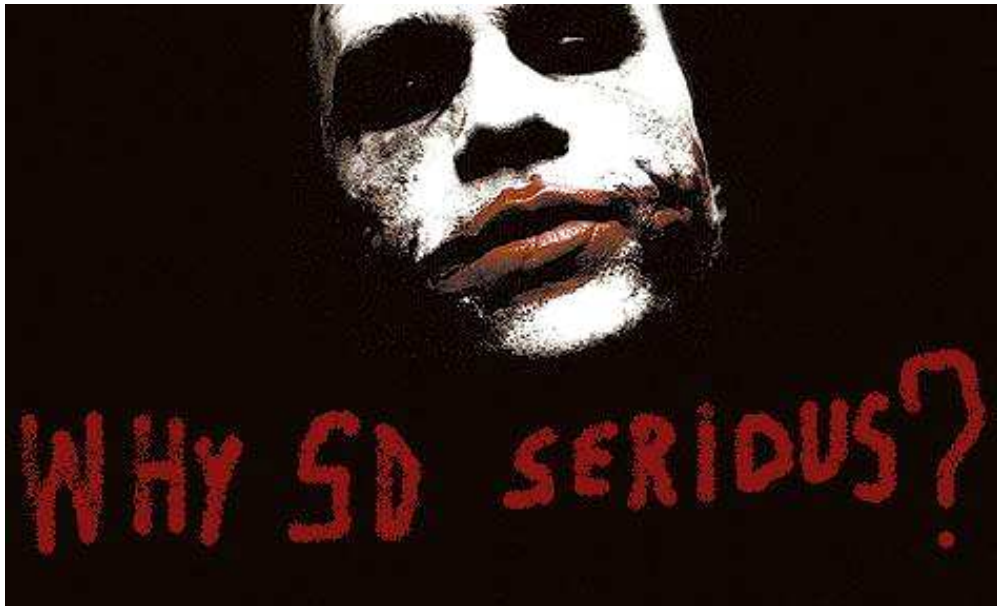


PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
CURSO DE PSICOLOGIA – UNIDADE BETIM



TRAÇO PERVERSO NA NEUROSE:
um conflito de pulsões?

Allan Moura Oliveira Gonçalves

Betim
2008

Allan Moura Oliveira Gonçalves

TRAÇO PERVERSO NA NEUROSE:
um conflito de pulsões?

Monografia apresentada ao curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Unidade Betim, como requisito parcial à obtenção do diploma de graduação em Psicologia.

Orientador: Renato Diniz Silveira

Betim
2008

Allan Moura Oliveira Gonçalves

TRAÇO PERVERSO NA NEUROSE: um conflito de pulsões?

Monografia apresentada à disciplina de Estágio Supervisionado VIII, do Instituto de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Betim, 2008.

Dr. Renato Diniz Silveira (Orientador) – PUC Minas

Allan Moura Oliveira Gonçalves – (Acadêmico) – PUC Minas

Dr.^a Andréa Máris Campos Guerra – (Avaliadora) – PUC Minas

*A Deus e aos meus pais,
Helia e Miro, que foram
os primeiros a me ensinarem sobre
a importância da busca pela verdade.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu afetuoso pai, por ser um homem de verdade, força, fé e honra. A minha mãe Helia por seu apoio imprescindível, por sua cobrança e pelo seu exemplo de dignidade.

Aos melhores e fiéis amigos que sempre me deram forças para continuar estudando Psicologia: Thiago Schwab, por sua força, Mateus Mouta, por seu companheirismo, Alex Castro, pelo exemplo enquanto cientista, Gleidison Faria, por seu entusiasmo intelectual, Fabrício Manoel, por sua generosidade ao partilhar comigo seu conhecimento, Diego Alonso, por sua sutileza e espiritualidade, Renato Ávila, por ser um exemplo de garra e coragem, Danilo Faria, por sua capacidade de reconhecer a força alheia, a Lilianny Carvalho por seu carinho e a Mariana Furtunato por ser capaz de me amar verdadeiramente durante todo esse tempo de faculdade. Também agradeço a todos os outros colegas de faculdade e trabalho que foram capazes de contribuir apenas por terem partilhado de sua existência para comigo, como Douglas, Jaminy, Karen, Daniela R., Emilianno e Wanelly. Às generosas tias Geralda e Marieta.

Aos meus dois irmãos que me orgulham em ser Gonçalves: Renan Moura Oliveira Gonçalves e Samara Moura Oliveira Gonçalves.

A Juliana Outemuro, por sua fidelidade e amor diante dos momentos mais devastadores, a Júlia Bernart por me inspirar sempre, a belíssima Luciana Rodrigues por me dar esperanças e a Sandrinha por seu carinho.

A Cláudia por tratar de minha alma. A Nilo Barth pelo apoio no sul.

Aos professores que acreditaram em mim: Jacqueline Moreira, que sempre fora acolhedora e respeitosa, a José Tiago pelo convite à psicanálise. A Andréia Guerra pelo exemplo enquanto professora e por ter aceitado avaliar este trabalho. A Áurea Dan e Juliana Tavares por me ensinarem a amar a ciência. Em Especial a Renato Diniz, por sua orientação em muitos trabalhos e por ser um dos maiores exemplos de vida, determinação e coerência para com a Psicologia da PUC Betim.

*"Nunca deixe de buscar
pela verdade".*
Argemiro Gonçalves

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar o traço perverso na neurose relacionando-o para com a psicodinâmica pulsional do sujeito. Freud é o autor que ajuda a organização de nosso argumento, assim como sua teoria da psicanálise, logo, do inconsciente. O complexo de Édipo, como também a posição do sujeito diante da castração, são pontos discutidos em nossa investigação por meio de diferentes perspectivas. O tema da perversão na psicanálise é nosso primeiro passo, seguido pelo entendimento do conceito de pulsão para Freud. Em um terceiro momento, abordaremos a relação do traço perverso para com as pulsões. Logo, de modo conclusivo, discutiremos a relação do sujeito acometido por esta questão para com as conseqüências possíveis de emergirem em um contexto clínico. O sentimento de culpa do sujeito neurótico, tomado por atravessamentos e atuações consideradas perversas, destarte como a lógica teórica vinculada a esta questão, serão também temas deste trabalho. Por conseguinte, nosso objetivo final é dialogar um pouco para com a posição do analista frente a este tipo de sintoma.

Palavras-chave: Perversão. Pulsão. Traço. Neurose. Culpa.

ABSTRACT

The aim of this work of monograph it's to present the perverse trace in the neurosis, linking it with the pulsional psychodynamics of the subject. Freud it's the author that helps the organization of our argument, as well as his psychoanalysis theory, hence the unconscious. The Oedipus complex, as the subject position before the castration, are discussed points in our research through different perspectives. The theme of perversion in psychoanalysis is our first step, followed by understanding the concept of pulsion to Freud. In a third time, we'll discuss the relationship of the perverse traces to the pulsions. Soon, so conclusive, discuss the relation of the subject affected by this issue to the possible consequences to emerge in a clinical context. The guilt feeling of the neurotic subject, taken them through and considered perverse acting-outs, thus as the theoretical logic linked to this issue, will also be themes of this work. And then, our final aim is to make a link with the analyst position before this kind of symptom.

Key-words: Perversion. Pulsion. Trace. Neurosis. Guilt.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 A personagem “Coringa” interpretada por Heath Ledger - Batman – The Dark Knight	Capa
Figura 2 Foto de Aleister Crowley.....	18
Figura 3 O Perverso Polimorfo de Freud – Salvador Dali.....	20
Figura 4 Psique revivida pelo beijo de Eros – Antônio Canova.....	51
Figura 5 Quadro esquemático do aparelho psíquico - A interpretação dos sonhos (1900 ^a), Vol. V, págs. 573-7, IMAGO, 1972.....	56
Figura 6 Cronos devorando um dos seus filhos – Peter Paul Rubens.....	61
Figura 7 Édipo e a esfinge – Gustave Morreau.....	64
Figura 8 Matema da fantasia – Lacan, J. Seminário 17 - O avesso da psicanálise.....	65
Figura 9 Fotografia de Helmut Newton.....	67
Figura 10 Figura representando a culpa – Arquivos pessoais.....	76

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A PERVERSÃO NA PSICANÁLISE.....	16
2.1 O surgimento do termo	17
2.2 O Fetichismo.....	22
2.3 O Instinto e suas vicissitudes.....	27
2.4 Bate-se numa criança.....	29
3 AS PULSÕES.....	38
3.1 As transposições dualísticas.....	48
4 A PSICODINÂMICA PULSIONAL DO TRAÇO PERVERSO.....	55
4.1 O traço mnêmico.....	55
4.2 O traço e a lógica da castração	57
4.3 A castração em Freud.....	60
4.4 Paradigma da estrutura.....	62
4.5 O conflito de pulsões.....	68
4.6 O traço e a culpabilidade.....	75
5 CONCLUSÃO.....	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	89

1 INTRODUÇÃO

Preliminarmente, nada mais importante que um registro introdutório acerca do objetivo deste trabalho. Defrontar-nos-emos com um trajeto que vai desde a noção de perversão em Freud, passando pelo conceito de pulsão, assim como por uma tentativa de contemplar nosso objeto de pesquisa, a saber, a psicodinâmica do traço perverso na neurose. Neste sentido, a nossa principal atribuição equivale-se ao estabelecimento, do que chamaremos de conflito de pulsões, como nosso recorte e parâmetro metodológico.

Sobre o motivo deste trabalho, se podemos resumir em um recorte específico toda a preocupação intrínseca a este, além da questão das pulsões, temos em relevância, sobretudo à clínica, ainda com mais preocupação, a questão do traço: se há um traço, um vestígio de algo originalmente estranho, temos substancialmente uma questão a “tratar”. Tratemos então, cada elemento em seu devido lugar, cada saber a serviço de uma produção equivalente a bons efeitos. A negligência daquilo que nos é delicado é a negligência do mais relevante e constitutivo em nós, do mais fundamental, do mais perigoso, referente ao ponto dos desdobramentos mais significativos, ou então, se concebidos de maneira irresponsável, do mais devastador. Investiguemos sim, mesmo sabendo das objeções nas quais residem tantos limites, embora crédulos de que há neste saber algo a compartilhar, talvez do muito específico a contribuir, todavia é legítimo este outro “trabalho”, que nossa investigação possa esclarecer algo, ou, quem sabe, ainda com mais felicidade, servir a outros “tratamentos”. Aos fantasmas que atormentam, eis então, minimamente uma resposta; em contraposição a um silêncio outorgado. Admitamos aqui, de uma maneira não muito clara, o porquê desta empreitada, muito devido ao fato de sê-la em si obscura.

A propensão de investigar as modalidades de juízo acerca da psicodinâmica das pulsões, tomando como índice a questão do traço

perverso na neurose, vem a partir do interesse pelas possibilidades em que as curiosas propensões perversas suscitam naqueles que tendem a compreendê-las, tanto clinicamente, quanto teoricamente. Entendemos o tema das perversões como uma fonte quase inesgotável de diversas interpretações, sobretudo, algumas delas, substancialmente produtivas, quando pensadas a partir do viés psicanalítico. Muito do que nos parece anormal nestes casos pode se tornar fundamental para a compreensão de dinâmicas do aparelho psíquico, mesmo que cômicos da dificuldade e do desafio de inferir algo a partir de um estudo sobre a temática das perversões, sendo qualquer conclusão ainda mais delicada ao se tratar de um "traço", ou seja, algo referente a outra estrutura. Inferências interpretativas podem ser feitas e, mesmo que não se sustentem e encontrem a incoerência, o intento é legítimo, e se alicerça na necessidade de uma fundamentação cuidadosa sobre esta questão, a fim de que possamos estabelecer um espaço teórico seguro para o acolhimento clínico, daqueles que vem a clínica, e acabam por trazer-nos questões atravessadas pela perversão. Para tal, basta que o caminho seja bem explicado e se, no caso, encontrarmos a impossibilidade de concluirmos algo essencial em relação a nossa pergunta, a legitimidade se conferirá no esclarecimento das configurações de nossa impossibilidade, do seu porquê e pormenores.

Condições discursivas inéditas tem se apresentado em nosso momento contemporâneo e nossa clínica é invadida cada vez mais freqüentemente por sujeitos atravessados a propensões perversas, tomados por fantasias perversas, que acabam ganhando figuração em nossa época. Novas formas de atuação sintomática encontram uma roupagem cada vez mais característica e rematam-se atravessadas por posições compreendidas pelos parâmetros fundamentais que conjecturam a noção de um traço, de algo estranho, pertencente a outra lógica posicional. O analista deve estar atento e preparado teórica e clinicamente para que possa acolher tais fenômenos a partir de uma posição ética, bem fundamentada por um entendimento cada vez mais cuidadoso, frente a

uma questão que já é em si cuidadosa. Há quem diga, como, por exemplo, Goldenberg (1997), que as novas formas de enlaçamento social se dão por meio da identificação perversa. Todavia, nosso argumento e objetivo se distanciam um pouco desta idéia, pois o que podemos estabelecer se vincula mais a uma análise metapsicológica do que em tomar a perversão enquanto um discurso. Contudo, sabemos que os rumos do tratamento desta questão podem gerar frutos argumentativos diversos e, quanto a nossa intenção, esta se limita a apenas em estabelecer lógica argumentativa frente a um objeto tomado com mais tenacidade. Embora saibamos que, para obtermos um melhor desenredo sobre o recorte que nos ceva, devemos contar com esforços de esclarecimento metodológico conciso para a desejável legitimação desse trabalho.

No primeiro capítulo trataremos de elucidar um pouco sobre a abrangência freudiana acerca das perversões. O objetivo é estabelecer princípios de compreensão perspectiva frente a este fenômeno por meio da consistência teórica em que a psicanálise fundamenta e problematiza tais pormenores que, por fim, vem a ser compreendidos e tratados como perversos. O caminho de Freud será pincelado, pois não temos condições de investigar e esmiuçar toda sua obra, ou melhor, de abordar todas as passagens em que há uma menção a questão das perversões. Daremos início ao nosso trabalho abordando um pouco sobre uma importante obra de Freud, já secular, em que algumas perversões polimorfos são identificadas pelo autor, em seu ilustre artigo intitulado "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade".

Em seguida, faremos uma reconstrução sobre os princípios que embasaram a construção e noção do termo, todavia, isto será iniciado já por meio da óptica psicanalítica, mesmo sabendo que a temática das perversões fora apropriada pela medicina do século XIX, em função de demandas do direito, como explica, com mais propriedade, Lanteri-Laura (1994[1979]).

Em um momento posterior nos ocuparemos de dedicar cuidados a obra "O fetichismo", também de Freud (1927), devido a sua importância para entender a relação da posição perversa frente a castração. Um pequeno texto de Freud (1940), chamado "A divisão do ego no processo de defesa" também será lido e relacionado neste momento em que discutiremos "O Fetichismo". Tal relação se coloca como importante, por ser este um dos últimos textos de Freud, mesmo tendo sido publicado inacabado, em decorrência do agravamento do câncer sofrido pelo autor. Entretanto, faremos um paralelo entre os dois artigos a favor do estudo dos liames constituintes que fundamentam a perspectiva psicanalítica acerca das perversões.

Mais adiante, abordaremos um estudo metapsicológico de Freud de extrema importância, tanto para o tema das perversões, quanto para o estudo do conceito de pulsão, também foco deste trabalho, embora ainda mais adiante. Em "O Instinto e suas vicissitudes", de 1915, discorreremos acerca da pulsão e seus destinos e de como isso se dá nas parcerias sintomáticas, como também em algumas posições consideradas perversas como, as mais comuns, sádicas e masoquistas.

Outro artigo de Freud (1919), intitulado, "Uma criança é espancada", também será por nós labutado, todavia de maneira ainda mais aprofundada, devido a suma importância correlativa a parte de nossa questão. Em tal manuscrito Freud nos oferta a explanação interpretativa de uma fantasia perversa de origem pueril, e esta passa a ser considerada equivalente a idéia de "traço".

No segundo capítulo, iremos tentar clarificar um pouco o tema das pulsões, o que são, suas classes e como se dinamizam, a fim de estabelecermos entendimento seguro para o alicerce de uma possível, importante e posterior discussão. Uma breve reflexão sobre a progressão deste conceito também será feita, como intuito de elucidar a importância do mesmo, como também de alcançar esclarecimentos frente a um conceito tão nodal e organizador, sobretudo no referente aos efeitos psíquicos em deferimento de estimulações pulsionais.

Em um terceiro momento deste trabalho, vamos tentar estabelecer uma perspectiva de entendimento para a temática das pulsões por meio dos fenômenos que caracterizam o traço perverso e discorrer em nossa escrita sobre a possibilidade, ou não possibilidade, de desenvolver e fundamentar uma compreensão sobre a psicodinâmica da fantasia perversa na neurose em termos pulsionais. Ainda neste capítulo, iremos tentar trabalhar um pouco sobre o paradigma lacaniano que estabeleceu a psicanálise pelo viés estruturalista. Também discutiremos um pouco sobre a culpabilidade inerente a dinâmica psíquica referida ao traço perverso na neurose.

Conclusivamente, nos colocaremos a apresentar os fins ou aberturas cabíveis deste trabalho, suas dificuldades e seus resultados com a intenção de compartilhar com todos sobre as possibilidades e limitações de nossa questão. Seriam mesmos os sujeitos atravessados por um traço de uma outra estrutura, ou aqueles abarcados por uma fantasia, sujeitos acometidos por um conflito psíquico? O que seria este conflito? Que dinâmicas estão presentes? Quais são os elementos constitutivos? Como o psiquismo se comporta frente a estas questões? Como aproximarmos de uma explicitação coerente? Que cuidados devemos ter para estarmos preparados para o acolhimentos de pacientes tomados por esta questão? São tantas perguntas que pensar em uma só resposta seria exacerbada pretensão, contudo, são estas que nos movem, são estas inquietantes dúvidas que nos colocam a trabalho.

Um outro elemento importante, para que nossas idéias possam ser bem assimiladas, é que, no caso, consideremos relevante ao leitor, que este possa, para fins de melhor compreensão, ter em sua bagagem informativa um estudo e compreensão sobre o complexo de Édipo na teoria psicanalítica, pois não iremos explicitá-lo teoricamente em todas suas fases e abarcá-lo de maneira totalizante. Todavia, muitas de nossas menções e formulações farão referência a esta construção teórica, tão importante para a noção de um traço e estrutura dentro da constituição discursiva da psicanálise. Embora em alguns momentos o intento de

esclarecer algumas das fases do complexo de Édipo possa ser encontrado neste trabalho, este não é nosso objetivo fundamental, visto que, a explicitação de algumas passagens referidas as fases edípicas estão mais relacionadas com a inteligibilidade da relação do nosso objeto para com o complexo em voga.

2 A PERVERSÃO NA PSICANÁLISE

Pensa: não é forçoso agora para mim-
O que matou meu pai, e a mãe me prostituiu,
Enfiou-se entra a eleição e as minhas esperanças,
Quis apanhar no anzol a minha própria vida,
E isso com tal arдил – não é de todo justo
Pagar-lhe com este braço? Não é ser um réprobo,
Deixar que novos males sejam perpetrados
Por essa úlcera da natureza humana?

(William Shakespeare)

A marcar nossos primeiros passos, apresentaremos como proposta, o discorrer teórico das vicissitudes e o nascimento conceitual da perversão em Freud, como forma de introduzir a compreensão sobre a relevância desta questão, para que, de maneira análoga, possamos articular teoricamente com a temática das pulsões, outrora, tal relação terá de ser feita em momento posterior a esse capítulo. Entretanto, a apresentação do rol teórico que compõe a tradução da perversão em Freud é nosso ponto organizador e fundamental nessa etapa de nossa empreitada investigativa. De início, discutiremos o nascimento dessa modalidade conceitual dentro da teoria psicanalítica, através daquilo que nos vem dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, por Freud (1905). Em seguida, usaremos do percurso deste termo análogo a teoria proposta por Freud (1927) em um artigo sobre o fetichismo, chamado “O Fetichismo”, ou seja, do entendimento da perversão a partir da interpretação do fenômeno que o caracteriza. Mais adiante, investigaremos o que nos advém como relevante, no que se refere as perversões, em “Instinto e suas vicissitudes”, novamente por Freud (1915), mesmo sabendo que este é um escrito a tratar essencialmente sobre as pulsões. Todavia, colocado aqui como fundamental, devido às alusões conceituais possíveis, dentre as descrições teóricas que compõem o entendimento das perversões. Logo, os parâmetros conceituais que organizam a inteligência das pulsões neste artigo são trabalhados por Freud, justamente nas parcerias de atividade e passividade, ou seja, as sádico-masoquistas. *A posteriori*, usaremos das

contribuições do estudo sobre a origem das perversões sexuais em “Uma criança é espancada”, Freud (1919), por tratar este artigo de uma interpretação teórica essencialmente esclarecedora aos investigadores que se pendem a saber sobre a essência das perversões, ou melhor, sobre os vestígios constitutivos de uma possível fantasia, a saber, equivalente a idéia de traço. Daí então, a relevância de investigar sobre as fantasias de espancamento no referente a constituição psíquica infantil.

2.1 Surgimento do termo

Perversão é um termo derivado do latim, *per vertere*, referente a pôr-se de lado, pôr-se a parte, o significado desse verbo denota-se como algo a corromper, depravar, a desmoralizar qualquer ortodoxia. Socialmente há a concepção, predominantemente no senso comum, de que a perversão é a qualificação dada aqueles que apresentam um comportamento irresponsável, egoísta e maléfico.

As personalidades perversas sempre foram motivo de polêmicas e representações sociais mal vistas, como os intitulados “psicopatas”, adorados pelas indústrias cinematográficas, destarte também as personalidades famosas como a de Edward Alexander Crowley, biografado por Sandy Robertson (2002). Homens considerados perversos, como Crowley, sempre foram atribuídos socialmente como hereges, principalmente para os religiosos, “pervertidos sexuais” ou até mesmo de caráter indolente e demoníaco. Segundo Robertson (2002), o ocultista inglês citado acima, mais conhecido como Aleister Crowley, nascido em Warwickshire em 1875, fundador da Abadia de Thelena, na Itália, era considerado por seus detratores o homem mais perverso do mundo, referenciado por alguns como “A Besta”. Mr. Crowley, como fora louvado em uma canção de heavy metal do roqueiro britânico Ozzy Osbourne no ano de 1981, acabou se tornando um dos principais ícones da efígie perversa, em função de sua qualidade inerente aquilo que evoca o horror e o estranhamento, como práticas sexuais perversas ritualísticas, feitas as

declaradas por aqueles que biografam Crowley. Ainda por Robertson (2002), foram alguns boatos de que Crowley realizava reuniões em sua Ordem envolvendo orgias, horror e sangue, como também sacrifício de animais e torturas humanas, que fizeram com que Mussolini o expulsasse da Sicília em 1923. Os perversos são comumente concebidos como pessoas que sentem prazer por serem capazes de provocar o pânico, a dor e o medo em outrem, como também sendo os praticantes de relações sexuais bizarras e incomuns. Crowley publicou muitos livros e influenciou escritores como Paulo Coelho e cantores como Osbourne e Seixas. Muitas polêmicas foram compelidas a suposta magia de Crowley, assim como as orgias ritualísticas perversas, conhecidas e espalhadas pelos conteúdos dos boatos referentes às misteriosas reuniões realizadas por Crowley.



Figura 2: Aleister Crowley

Fonte: The Illustrated Beast: The Aleister Crowley Scrapbook- Sandy Robertson (2002)

No entanto, retomando o estudo sobre as perversões desvinculadas ao senso comum e a qualquer ícone, consideremos que sua aceção é apropriada pela psicanálise de maneira diferenciada e é referenciada, em

linhas gerais, como aquilo que não vai em direção à norma social, ou seja, algo inclinado ao desvio. Freud toma o tema das perversões pela primeira vez em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905). Nesse escrito, Freud (1905) assevera sobre a constância das tendências perverso-polimorfas na vida adulta, tendências estas que apenas deveriam estar presentes na fase sexual pré-genital infantil. Ele toma como genital aquilo que concerne à norma, da perspectiva da descarga da tensão sexual tendo como alvo o coito, o coito heterossexual. Sobre aquilo que foge a esta lógica, temos a explanação das considerações feitas em sua obra, ao que Freud (1905) caracteriza como desviante a respeito do alvo sexual. Em deferência a isto, tomemos como relevante, que a consideração das transgressões anatômicas sexuais às regiões do corpo findadas a união sexual normal, podem ser determinantes para conceituações subjacentes a questão das perversões. Sobre tal ponto de vista cabe aqui retomar Freud (1905):

Considera-se como alvo sexual normal a união dos genitais no ato designado coito, que leva à descarga da tensão sexual e à extinção temporária da pulsão sexual (uma satisfação análoga à saciação da fome). Todavia, mesmo no processo sexual mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como perversões. É que certas relações intermediárias com o objeto sexual (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como alvos sexuais preliminares. Essas atividades, de um lado, trazem prazer em si mesmas, e de outro, intensificam a excitação que deve perdurar até que se alcance o alvo sexual definitivo. (FREUD, 1905, vl.VII, p.141)

Neste ponto, Freud (1905) considera legítimo compreender a propensão perversa como uma passagem intermediária à finalidade sexual normal, ou seja, ele não considera que as transgressões anatômicas às regiões do corpo, que não descaracterizam o objetivo coito, sejam desvios patológicos ou balizadores. Entretanto, Freud (1905) ressalta que a variação do interesse sexual por outras partes do corpo no intermédio do objetivo normal nada acrescenta sobre o conhecimento da pulsão sexual.

Embora algumas práticas preliminares características daquilo que antecede a cena do coito normal não sejam tomadas como perversões para Freud (1905), algumas destas podem ser passíveis de outra apreensão, dependendo da posição de libido que se estabelece na relação pulsional em questão. Ainda nos “Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade”, Freud (1905) discute o prazer de tocar e olhar, e, considera estes, como algo que concerne ao desenrolar para atingir o alvo sexual normal. Todavia, curiosamente, uma outra faceta do prazer escopofílico¹ é desmembrada por ele nesta passagem. Porém, antes deste pormenor, Freud (1905) já discute sobre a possível sublimação da curiosidade sexual provida do encobrimento do corpo civilizado, ou seja, do corpo ornado pelo pudor. Argumenta sobre a possível sublimação das pulsões sexuais, sendo estas impedidas de serem satisfeitas, tendo de encontrar outro caminho, como, por exemplo, o de serem representadas pela arte.



Figura 3: O Perverso Polimorfo de Freud (Criança Búlgara a Comer Um Rato) – 1939
Fonte: Quadro de Salvador Dalí

¹ Escopofílico é tomado aqui como um posicionamento pulsional, ou seja, o prazer determinado pela observação, pelo olhar a cena sexual do outro.

Ainda sobre o prazer de ver, Freud (1905), de maneira incisiva, afirma que este poderá se transformar em perversão. Inferência minimamente fundamental que é decomposta da seguinte maneira:

Por outro lado, o prazer de ver [escopofilia] transforma-se em perversão (a) quando se restringe exclusivamente a genitália, (b) quando se liga à superação do asco (o voyeur – espectador das funções excretórias), ou (c) quando suplanta o alvo sexual normal, em vez de ser preparatório a ele. (FREUD, 1905, vl.VII, p.148)

É notável nesse fragmento que Freud ainda não havia concebido a perversão como estrutura, pois ele postula que o prazer em determinada posição libidinal pode vir a se transformar em perversão. Guardemos, por hora, a consideração Freudiana de que pode haver, nesse sentido, uma possibilidade de transformação das pulsões, pois se estamos a falar de posição, a consideração de que determinada representação pulsional pode se transformar em outra deve entrar nas nossas considerações e reflexões posteriores. Outrora, ressalvemos que nesse escrito Freud ainda não havia teorizado sobre a topografia das pulsões, sobre a noção que estas não são qualitativamente díspares².

Por conseguinte, é legítimo, ao pensar teoricamente sobre as perversões que, em determinados fragmentos da explanação freudiana, estas são descritas de acordo com as possibilidades das condições discursivas para falar de tal assunto na época em que ele inicia a publicação destes estudos. Para compreender a dialética pulsão/representação, na perversão, deveremos investigar sempre com muito cuidado os conceitos que fazem nexos com as conclusões e descrições feitas a partir dos estudos sobre a questão. Freud (1905) orienta-se sobre determinadas práticas perversas para aprofundar-se em sua pesquisa, mesmo sendo estas complexas de serem tratadas no contexto da época:

² Isto é discutido por Freud na obra “Além do Princípio do Prazer” de 1920.

Algumas delas afastam-se tanto do normal em seu conteúdo que não podemos deixar de declará-las como “patológicas”, sobretudo nos casos em que a pulsão sexual realiza obras assombrosas (lamber excrementos, abusar de cadáveres) na superação das resistências. (vergonha, asco, horror ou dor) (FREUD, 1905, vl.VII, p.152)

Não obstante, não entremos na discussão, ao menos por enquanto, sobre a questão “moral” que norteia a descrição freudiana sobre respectivas práticas perversas. Apenas ressaltemos que não há ainda, nesse momento de sua obra, uma análise sistemática dos critérios que determinam o grau de anormalidade de determinadas posições perversas. Freud (1905) defende-se a partir de uma base epistemológica calcada em sua experiência clínica cotidiana para tratar dessa contenda. Segundo ele, algumas transgressões menos graves freqüentemente apresentam-se nas práticas sexuais das pessoas sadias, quais acabam por julgá-las como determinadas intimidades, embora ainda não existam parâmetros teóricos para definir o que é passível de ser considerado como íntimo ou digno de asco.

Outrora, é também nos estudos sobre o fetichismo, que o autor se apresenta como um investigador capaz de oferecer inferências sobre o tema da perversão. Deste modo, é legítimo nosso intento, de aqui retomar algumas de suas explicações, com o intuito de melhor esclarecer o objeto em questão. As modalidades que compõem a trajetória da teoria freudiana ao passar sobre o tema fetichismo, são aqui, de grande valia ao nosso recorte.

2.2 O fetichismo

É o escrito “O fetichismo” de Freud (1927) um grande aliado aos pesquisadores diligentes as proposições que contornam o assunto perversão. Muito desta escritura freudiana pode ser por nós aproveitado, repensado ou recolocado. Enfim, é um ponto da obra de Freud primordial a aqueles que pretendem discutir a partir dos parâmetros teóricos que

norteiam o tema das perversões. É a partir do entendimento de como se constitui uma posição fetichista, no viés da psicanálise, que iremos poder peregrinar a compreendermos como se dá uma perversão.

Freud (1927) começa suas postulações sobre o tema do fetichismo calcado na epistemologia³ aprovionada de sua experiência analítica para com homens inclinados a orientar-se sexualmente a partir de uma escolha objetal dominada por um fetiche⁴. Por conseguinte, ele, logo preliminarmente, considera que os homens que se investem à análise e são reconhecidos por essa inclinação, reconhecem-se como anormais, porém não tem, em contrapartida e concomitantemente, em deferimento desta tendência sexual, sofrimento psíquico que os acompanha. Em outro momento, é salientado sobre esses casos que, sobre os homens em questão, há o reconhecimento, por parte deles, que suas pendências fetichistas são também facilitadoras à vida erótica. As conclusões sobre estes casos são tão crédulas ao próprio Freud, que o mesmo afirma ser legítimo colocar-se em risco a generalizar sobre outros fetichistas subseqüentes aos que ele analisara. É sobre o significado e propósito do fetiche como substituto do pênis que Freud se fundamenta para suas inferências sobre a questão:

Em todos os casos, o significado e o propósito do fetichismo demonstraram, na análise, serem os mesmos. Ele se revelou de modo tão natural e me pareceu tão compelativo que me sinto preparado para esperar a mesma solução em todos os casos de fetichismo. Ao anunciar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou que - por razões que

³ Epistemologia é tratada aqui como origem do conhecimento, ou seja, sobre as faculdades quais tais conhecimentos são atingidos.

⁴ O fetiche é uma parafilia, uma representação simbólica em um objeto que condensa toda uma adoração.

nos são familiares - não deseja abandonar. (FREUD, 1927, vl.XXI, p.179)

Salientemos como é nítida, nesta passagem em Freud (1927), a sua aproximação da noção de alguma estrutura balizada pela representação e referência ao falo, ou seja, é o fetichismo uma rejeição ao complexo de castração, uma recusa a aceitar a castração da mãe, fato que, remete ao fetichista, a eminência da perda de seu órgão viril. Deste modo, é o objeto de fetiche um substituto ao falo perdido da mãe, ou seja, anterior ao momento em que a falta do pênis é percebida, há um direcionamento catártico a algum objeto anterior a representar esta não falta, dito de outro modo, a tamponá-la psiquicamente. O fetiche é algo que vem a responder a uma situação traumática, pois é uma inclinação de exaltação a um só objeto, objeto este que passa a ocupar uma posição balizadora, ou seja, fálica. A explicação da formação de um fetiche é muito bem pormenorizada em Freud:

Antes, parece que, quando o fetiche é instituído, ocorre certo processo que faz lembrar a interrupção da memória na amnésia traumática. Como nesse último caso, o interesse do indivíduo se interrompe a meio caminho, por assim dizer; é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche. Assim, o pé ou o sapato devem sua preferência como fetiche - ou parte dela- a circunstância de o menino inquisitivo espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo, das pernas para cima; peles e veludo - como por longo tempo se suspeitou-constituem uma fixação da visão dos pelos púbicos, que deveria ter sido seguida pela ansiada visão do membro feminino; peças de roupa interior, que tão freqüentemente são escolhidas como fetiche, cristalizam o momento de se despir, o último momento em que a mulher ainda poder ser encarada como fálica. (FREUD, 1927, vl.XXI, p.157 a 158)

Bem, talvez pela recusa da finalidade sexual normal e de toda a condensação e deslocamento ao objeto de fetiche, ao invés de haver entre essa erotização um objeto apenas na função intermediária, e não como finalidade única, é considerado o fetiche - prazer isolado em um objeto - como um desvio patológico. A libido se destina a um fim específico ao

objeto e não se remete apenas de um genital a outro, o que se justifica na passagem pelo Édipo da neurose a uma genitalização da libido, fato que não ocorre na perversão, todavia nos interpelaremos a tomar a perversão como estrutura, ao menos por hora, pois nosso interesse teórico é mais acentuado no entendimento da perversão como desvio, ou melhor, como um traço, como veremos adiante nesse trabalho.

Todavia, vale a pena aqui lembrar que, sobre o estudo do fetiche, este fora retomado por Freud (1938), no final de sua obra, no não terminado texto "A Divisão do ego nos processos de defesa". Neste artigo Freud (1940) coloca que a constituição do fetiche pode funcionar, no caso específico de um menino a masturbar-se, usado pelo autor como exemplo, como uma forma de obedecer ao princípio de realidade, sendo que este é por sua vez imposto pela ameaça de castração anunciada pelo discurso de uma severa babá, alertando sobre uma possível punição paterna. Apesar disto, e ao mesmo tempo, o menino acabou sendo capaz de conservar a satisfação pulsional, tomando outro objeto como representante do referido e ameaçado pênis, por meio da constituição de um fetiche. A masturbação, neste caso, pode ser uma resultante do fato de ter tido o menino uma relação de certa intimidade para com uma menina, que acabou em certo momento interrompendo-a. Ao ser tomado por um princípio a fazer frente a sua satisfação, a criança tem seu ego tomado por uma divisão, por uma fenda, deste modo, a montagem de um fetiche vem a servi-la como um processo de defesa para seu ego dividido. O menino acabou "alucinando" uma pênis que ainda nasceria na menina, na intenção de recusar que poderia perder o seu. Sobre estas considerações freudianas temos agora a noção de que o movimento de deslocamento feito pelo menino é ao menos tempo um reconhecimento da castração, como também um modo de conservar sua satisfação pulsional, pois o menino, após este episódio, desenvolve outro sintoma, a saber, uma fobia de ser comido pelo pai. Entretanto, a manipulação manual de seu pênis continua mesmo tendo sido anunciada a castração paterna por meio do discurso da babá. Freud (1940), neste escrito, nos lembra o mito de

Cronos, todavia iremos melhor discuti-lo adiante, por hora devemos nos ater a esclarecer mais sobre a relação da divisão do ego para com a constituição de um fetiche. Para tal recorreremos novamente a uma citação de Freud (1940):

O menino agora pensa compreender por que os órgãos genitais da menina não apresentavam sinais de pênis, e não mais se arrisca a duvidar de que seus próprios órgãos genitais possam encontrar o mesmo destino. Daí por diante, ele não pode deixar de acreditar na realidade do perigo de castração. O resultado costumeiro do susto da castração, aquele que passa por normal, é que imediatamente, ou depois de considerável luta, o menino cede à ameaça e obedece à proibição, integralmente ou pelo menos em parte (isto é, não mais tocando nos genitais com as mãos). Em outras palavras, ele abandona, no todo ou em parte, a satisfação do instinto. Estamos preparados para ouvir, contudo, que nosso paciente atual encontrou outra saída. Criou um substituto para o pênis de que sentia falta nos indivíduos do sexo feminino — o que equivale a dizer, um fetiche. (FREUD, 1940, p. 294-295)

Ainda sobre o presente tema, somos crédulos, atribuímos a este um valor significativo, pois cabe aqui salientar sobre a constatação da importância do estudo do fetiche ao relativo às perversões, visto que tal nos trás um elemento fundamental. Castro (2004), em sua dissertação de mestrado, é pontual ao concluir sobre os estudos freudianos acerca do fetiche. Segundo a autora, ao fazer menção ao sentido psíquico do fetiche, estudado por Freud já em 1910, esta nos recoloca que há, na gênese da constituição perversa, uma relação inerente para com o movimento do complexo de Édipo. No caso, a saber, do menino, a escamoteação (termo de Castro [2004]) da diferença sexual é uma tentativa deste não ter de se haver com a angústia de castração. Além da referência a gênese edipiana, pode ser considerado o fetiche como uma reação dada contrafobicamente (Assoun [1994], traduzido por Castro [2004]), pois o investimento na construção de um objeto único é na verdade uma negativa, uma construção substitutiva na intenção de neutralizar a angústia de castração que, normalmente, incidiria sobre a psicodinâmica do sujeito. Entretanto,

é em função desta tendência inibidora que o perverso edifica uma "indisposição" particular e distinta.

2.3 Instinto e suas vicissitudes

Somos cômicos que neste artigo Freud (1915) não toma como ponto organizador de seu raciocínio o tema da perversão. Apesar disso, temos neste escrito uma discussão breve, mas que nos parece interessante e nos permite reflexões análogas a perversão, pois há neste uma grande preocupação com o tema das pulsões. Um dos termos que melhor nos auxilia na compreensão sobre os pares perversos, como sadismo/masochismo, por exemplo, é o termo (mecanismo) fruição. Presente nas parcerias sintomáticas, ou, em outras palavras, nas posições de atividade e passividade, como nas citadas anteriormente, como *voyeurismo/exibicionismo*, seria fruição um conceito fundamental para a compreensão conceitual destas parcerias, perversas ou não. Portanto, iremos no ater a apresentá-lo. Para entender o que é fruição, *a priori*, melhor falarmos sobre como Freud chega a este conceito. Retrogressivamente, por Freud (1915), sobre aquele que se propõe a posição masoquista, ou seja, aquele que se oferece como objeto para a atividade sádica de seu parceiro, também exerce este, pelo mecanismo em questão, seu sadismo, mesmo que, aparentemente, pareça ele o subordinado. Na verdade, ele exerce-se como opressor através do outro, pois a posição ativa, de subordinador, só é suportável pela projeção em outrem. Através de um mecanismo na relação com o outro, aquele que ocupa a posição passiva se permite ser ativo através do outro, ou então, inversamente, aquele que se admite ocupar uma posição ativa, como, por exemplo, a sádica, permite-se, através do outro, dispor uma posição passiva, como, no caso, a masoquista. É o sádico também um masoquista, embora ele apenas suporte essa posição através de um outro. Sobre este mecanismo, articulador dialético destas parcerias, podemos então, entendê-lo como um mecanismo de fruição. É através da

fruição que todo sádico pode ser considerando também um masoquista. É a fruição o mecanismo que configura em toda posição de passividade uma atividade, ou seja, é esta um álibi relacional que tem como particularidade a condensação de duas posições que se dialogam por meios de correspondências inconscientes.

Ainda sobre aqueles que se ocupam da disposição libidinal masoquista, ou seja, a primariamente passiva, é-lhes mais confortável, conscientemente suportável, assumir diante do outro esse lugar. Outrora, é através do empréstimo ao outro, que aqueles que aparentemente não se ocupavam de nenhuma atividade, no sentido contrário de passividade, podem também fazê-lo. Eis então uma posição perversa tanto na atividade sexual como na passividade, pois o outro também é tomado como objeto, ou melhor, é um empréstimo mútuo na posição de objeto independente da função entre os pares de passividade/atividade. Tem-se a compreensão que é esta uma relação tomada pela fruição de implicar dor, originalmente masoquista e auto-erótica, a passar-se a posição sádica. A dor é um dos investimentos, parte da excitação presente na representação pulsional dentre aquilo que se representa nesses desvios perversos, um componente que se aloja nestas inclinações, não por acaso, pois há nesse ponto uma dinâmica de prazer, a saber, prazer na dor. Essas parcerias sintoma são também tomadas como pervertidas, se partirmos do princípio de concebermos o sentido da perversão enquanto um desvio libidinal, de uma finalidade, esta que, deveria ser originalmente genital, não apenas circunscrita por um prazer pulsional, desprovido de um fim sexual normal.

Sobre estas atividades, podemos então, chamá-las de hedonistas, cabe-nos aqui, mais uma vez, uma complementação freudiana:

Achados bem mais simples e diferentes são proporcionados pela investigação de outro par de opostos - os instintos cuja finalidade respectiva é olhar exhibir-se (escopofilia e exibicionismo, na linguagem das perversões). Aqui novamente podemos postular as mesmas fases como no exemplo anterior: - (a) O olhar como uma atividade dirigida para um objeto estranho. (b) O desistir do objeto

e dirigir o instinto escopofílico para uma parte do próprio corpo do sujeito; com isso, transformando no sentido de passividade e o estabelecimento de uma nova finalidade - a de ser olhado. (c) Introdução de um novo sujeito diante do qual a pessoa se exhibe a fim de ser olhada por ele. Também aqui dificilmente se pode duvidar de que a finalidade ativa surge antes da passiva, de que olhar precede o ser olhado. Mas existe uma importante divergência com respeito ao que acontece no caso do sadismo, pelo fato de que podemos reconhecer no caso do instinto escopofílico uma fase ainda mais anterior da descrita em (a. Para o início de sua atividade, o instinto escopofílico é auto-erótico; ele possui na realidade um objeto, mas objeto é parte do próprio corpo do sujeito. (FREUD, 1915, vl.XIV, p.134)

Notem como, novamente, na postulação acima, cabe a interpretação de que há um desvio sexual presente na parceria escopofilia/exibicionismo e que este é secundariamente perverso, a usufruir da dinâmica de prazer/desprazer permitida pela fruição entre olhar e ser olhado. Do mesmo modo os traços sadistas e masoquistas, ou seja, perversos, encontram recinto em uma mesma relação, em uma mesma cena, por um mesmo mecanismo e por diversos destinos, embora estes não sexuais normais. Assim sendo, temos, conforme demonstramos por meio da razão a que vem a operação de fruição, no tópico acima, uma alusão ao caráter não genital, enquanto findado a ordem reprodutiva, da disposição pulsional. A justificativa de insistirmos tanto em esclarecer esse ponto pode ser explanada pelo fato de que é esta uma questão fundamental para a conjectura de um de nossos argumentos, que circunscrevem o nosso objeto de pesquisa, capazes de nos alicerçar e lançar luz sobre a dinâmica pulsional presente no traço de uma perversão em um psiquismo estruturado como neurótico.

2.4 Bate-se numa criança

Uma criança vê outra sendo surrada e realiza, ao olhar essa cena, uma fantasia de função sexual. Fantasia esta que, pode ora dizer de uma posição masoquista, ora sádica, uma fantasia também governada por uma estimulação auto-erótica, que vem a nos mostrar sobre determinado

traço, a saber, provavelmente, primariamente perverso. O que pode nos precisar Freud, às investigações sobre o tema das perversões, ao interpretar as minúcias de uma cena que, a princípio, pode passar despercebida a aqueles que nela nada reconhecem sobre as perversões? São estas perguntas que, se conseguirmos desenvolver leitura inteligível, talvez possamos ser capazes de determinada aproximação de uma possibilidade de esclarecimento, em “Uma criança é espancada”, por Freud (1919).

Da passagem à neurose dada pelo movimento edípico, é legítimo lembrar dos desejos incestuosos que foram recalcados pela criança, em momento anterior, tomada pela interpolação da castração. No ponto em que estamos, é legítimo ressaltar que, sobre a construção da fantasia de espancamento, no caso da criança, há nesta um sentido vinculado ao complexo de Édipo. A construção de uma fantasia, sendo esta equivalente a um traço, já nos oferece a possibilidade de inferir que é no Édipo que se marca uma diferenciação entre neurose e perversão, daí o sentido de uma fantasia perversa dada na dinâmica psíquica de uma criança a erigir uma disposição neurótica. Entendemos a neurose como o negativo da perversão, pois perverter o que fora recalcado é desafiar determinada lei que tem de se cumprir. Portanto, uma fantasia perversa faz sentido se pensarmos que nela há algo a realizar-se, algo que fora antes intercedido, que não pôde se concretizar. Desejar que o amor sentido pelo pai ou pela mãe possa para sempre realizar-se e ter esse desejo privado, é ponto organizador daquilo que podemos entender como neurose. De que maneira a fantasia de realização deste desejo pode ser projetada em uma cena de espancamento infantil? Bem, segundo Freud (1919), se a criança que assiste a cena de espancamento projeta naquele que espanca a efígie paterna, pode ela, sob dinâmicas transferenciais do inconsciente, tramar a fantasia de que aquela criança é odiada pelo agente que inflige o espancamento, daí a margem interpretativa que aquele que espanca outra criança pode fazê-lo por odiá-la. Se o pai é aquele que odeia a criança que espanca e a criança que assiste não é por ele espancada, pode então, ser

a criança que contempla o espancamento amada por esse pai. Eis então uma fantasia de função sexual projetada pelo espectador de determinada cena de espancamento. Verifiquemos em Freud:

Depressa se aprende que ser espancado, mesmo que não doa muito, significa uma privação de amor e uma humilhação. E muitas crianças, que se acreditavam seguramente entronadas na inabalável afeição dos pais, foram de um só golpe derrubadas de todos os céus da sua onipotência imaginária. A idéia de o pai batendo nessa odiosa criança é, portanto, agradável, independente de ter sido realmente visto agindo assim. Significa: 'O meu pai não ama essa criança, *ama apenas a mim*'. (FREUD, 1919, vl.XVII, p.202)

Essa interpretação é remarcada em Freud (1919), sendo que, concomitantemente, em inferência de sumária importância, nos dá a noção de que esta poderia ser uma fantasia que, além de sexual, pudera ser considerada sádica. Há neste escrito o momento em que isso é afirmado:

É este, então, o conteúdo e o significado da fantasia de espancamento na sua primeira fase. A fantasia obviamente gratifica o ciúme da criança e depende do lado erótico da sua vida: mas é, também, poderosamente reforçada pelos interesses egoístas da criança. Resta, portanto, a dúvida quanto a saber se a fantasia pode ser descrita como puramente 'sexual', ou se podemos arriscar-nos a chamá-la de 'sádica'. (FREUD, 1919, vl.XVII, p.202)

Fantasia sádica ou masoquista? Temos aqui, uma situação que não pode ser tomada por um trato sumário, temos uma pergunta importante e que, para ser mais bem compreendida, teremos de decompor cautelosamente as fases que Freud (1919) analisara, tendo extraído sua análise de seis casos clínicos, sendo que dentre estes haviam homens e mulheres. A justificativa de adentrarmos nesta questão com mais perícia pode ser melhor compreendida em momento posterior deste trabalho. Analisemos então as fases da construção da fantasia perversa masoquista postulada por Freud no ano de 1919.

Em um ponto primeiro a criança fantasia uma cena em que o pai bate em uma criança. Daí então, Freud (1919) elucida a primeira construção fantasiosa através de uma construção frasal, possivelmente análoga a fantasia da criança espectadora da cena: "Meu pai está batendo na criança" (Freud, 1996 [1919], p. 201). Em seguida, a construção sofre uma pequena transgressão que passa a ser representada por: "O meu pai está batendo na criança que eu odeio" (Freud, 1996 [1919], p. 201).

Antes de darmos prosseguimentos, iremos abrir parêntese para uma breve análise, porém necessária. No caso das primeiras formulações fantasiosas, dadas acima, o relator é também o espectador da cena, o que nos dá a margem interpretativa de que este ódio pode ter sido derivado de uma rivalidade para com um irmão ou irmã, uma rivalidade de amor pelo pai que espanca. Freud (1919) coloca que a criança primogênita pode interpretar a chegada de mais um membro da família, como a chegada de um rival, a abalar a onipotência da afeição dada pelos pais, sendo esta uma construção imaginária, fissurando a certeza da exclusividade do amor dos pais. Temos então, uma interpretação equivalente ao sentido das construções frasais fantasiosas descritas anteriormente.

Ainda sobre a primeira fase, ressaltamos a ausência do conteúdo masoquista da mesma, pois quanto ao espectador da fantasia, e que fantasia, há exclusivamente a experiência subjetiva correlativa ao circuito de uma pulsão escopofílica, vivência pelo prazer de ver um rival apanhar. Uma significação equivalente ao Édipo é oriunda desta etapa, e assim sendo, formula a criança que, se o pai espanca outra criança que ela odeia logo, ele a ama. Valas (1990), conclui algo substancial sobre esta passagem em Freud, pois segundo o autor a importância não é correlativa ao caráter real ou apenas desejado desta fase, pois não há uma posição masoquista, justificada pelo fato de não ser a criança aquela que espanca ou é espancada. O registro articulador desta questão pode ser concebido por nós como uma experiência de satisfação vivenciada para criança, a articulação aí é melhor relacionada a um desejo incestuoso. Deste modo,

a equivalência é a uma fantasia frente ao Édipo. Nesse sentido, objetivemos que este amor, este desejo de incesto, encontra sua interdição na passagem edípica. Eis neste fator, o sentido e a correlação da fantasia, ou traço perverso, como uma posição a uma tentativa de burlar uma lei neurótica. Temos que é por este caminho que podemos dignificar a dialética do complexo de Édipo com a fantasia de espancamento da criança. Valas (1990) aponta que a referência ao pai, no ponto anterior, é um indicativo de uma situação de engajamento no complexo edipiano.

Por conseguinte, na fase póstuma, a criança que fantasia é a que apanha do pai. A análise que se dá nessa fase é muito clara, pois a referência interpretativa é, nada mais, dada por uma equivalência a uma posição masoquista, pois na rememoração desta cena verificam-se conteúdos de dor e prazer. Fica mais claro, nesta passagem, a importância da compreensão de que a constituição fantasiosa é referente a proibição incestuosa para com o pai, dada a partir da constituição desta, mencionemos, pelos modos de subjetivação provenientes do complexo de Édipo. E, ainda sobre a segunda fase, Freud (1919) salienta que a importância de considerá-la é devida ao fato de que, a menção ao espancamento, a este como castigo, não deve ser tomado como estatuto único desta fase, pois com alusão a relação sexual proibida para com o pai, temos, nesta fantasia, um substituto regressivo para tal. Notemos que é nesta consideração freudiana, que principiamos os principais liames decorrentes de um novo argumento para com nosso objeto.

Todavia, Castro (2004), conclusivamente, sobre a fase explicitada acima, pondera uma inferência significativa:

Desse modo, revela-se a ambivalência típica da relação afetiva estabelecida com o pai. Ao mesmo tempo em que o filho deseja derrotá-lo para ganhar a mãe, também quer ser copulado por ele. (...) Com o recalque, as impulsões sexuais dirigidas ao pai são banidos da consciência e o que resta nela é a culpa. (CASTRO, 2004, p.36)

Por hora, hesitemos em falar de culpa, embora saibamos que é bem provável que a passagem da primeira fase para a segunda pode ser dada por este sentimento, ou seja, houvera a transgressão de uma atividade sádica para uma passividade masoquista. Freud (1919) coloca que a construção da primeira fantasia pode ser em função da incidência do recalque, visto que sua roupagem pode ser em deferimento do encobrimento da segunda. Entretanto, guardemos esta ponderação de Castro e comentemo-la em outro aspecto. O termo "copulado" é, logicamente, uma menção ao incesto e, subsequente, verificamos que este desejo deve ser recalcado. Outrora, guardemos, que apesar do conteúdo de um desejo incestuoso, há a também a propensão de desafiar a lei instaurada pelo Édipo, daí então a precisão de criar uma fantasia. É sobre essa tentativa de mascarar a castração com uma fantasia que vamos nos ater posteriormente.

A relevância maior se dá na inteligibilidade de que esta é uma posição eminentemente perversa, no sentido de que há uma ligação possível na produção desta fantasia com uma inequívoca excitação sexual. O que há de precioso nesse material é a inferência freudiana de que há na cena de espancamento de uma criança, ou na reminiscência fantasiosa de outra, uma excitação pulsional perversa, que vem a ser projetada na figura daquele que espanca. Em uma das fases possíveis desta fantasia, no caso, ainda sobre a anterior, podemos verificar mais precisamente a tendência masoquista referida:

Entre essa fase e a seguinte, ocorrem profundas transformações. É certo que a pessoa que bate continua a ser a mesma (isto é, o pai); mas a criança em que está batendo transformou-se em outra e torna-se, invariavelmente, aquela que produz a fantasia. A fantasia é acompanhada por um alto grau de prazer e adquire, então, um conteúdo significativo, a cuja origem nos dedicaremos depois. Agora, portanto, as palavras seriam: *'Estou sendo espancada pelo meu pai.'* O que é de um caráter inequivocamente masoquista. (FREUD, 1919, vl.XVII, p.201)

O terceiro momento da construção fantasiosa pode ser devidamente compreendido como análogo ao primeiro, todavia o que marca a diferenciação é que aquele que espanca nunca é propriamente o pai, mas sim uma personagem que remonta sua efígie, como, por exemplo, um professor, ou, quem sabe, outra figura masculina de autoridade, a surrar outras crianças. O sentido desta distinta montagem pode ser interpretado, mais uma vez, como uma alusão à nova incidência da função repressora do psiquismo, a saber, operada pelo recalque. É a terceira fase da fantasia uma representação mais suportável a consciência que a primeira.

Após analisarmos o estudo freudiano sobre as perversões sexuais, através de uma interpretação referente a uma cena composta na infância, já nos é possível a observação de traços perversos na fantasia neurótica através das posições e projeções sádico-masoquistas decorrentes da psicodinâmica inerente ao sujeito. É através daí que iremos caminhar em nossa investigação sobre os traços perversos que encontram lugar nas dinâmicas psíquicas que envolvem os constituintes desta questão. O caráter interpretativo da última teoria que acabamos de apresentar é por nos reconhecido, por conseguinte este muito nos alicerça em nossa orientação, devido a legitimidade de sua *episteme*. É, justamente, em “Uma criança é espancada”, que Freud (1919) mais se aproxima da idéia de fantasia, a um resquício de um momento em que um desejo edipiano, interpelado, é remontado por meio de um sintoma a escamotear a incidência da castração. É na passagem edípica que se dá a oferta de toda a noção neurótica, pois há nesta uma inscrição consistente no referente a uma organização psíquica dada a partir das instâncias que instauram a lei. Entretanto, a fixação a uma fantasia, no caso, a perversa, por fazer menção a transgressão ao desejo interdito, é o que pode nos estear a pensar, já na teoria freudiana, uma fundamentação equivalente ao traço, visto que, para Freud (sendo ele um autor anterior a efetivação do movimento estruturalista) a menção ao traço tem mais a ver referencialmente com um momento construtor psicodinâmico. O acondicionamento perverso polimorfo da criança reincide por meio de uma

pulsão, a confrontar a castração, representando-se por uma edificação fantasiosa de amor para com a figura paterna.

É verossímil que não tenhamos conseguido apresentar um estudo completo sobre as perversões em toda obra de Freud, porém acreditamos que o trabalho feito sobre esta temática, que acabamos de compartilhar, seja possível ao acréscimo de alguma valia aos investigadores dessa questão. Desde 1905 a 1940, os registros que nos debruçamos são passíveis de nos alicerçarem ao estabelecimento de um terreno fértil, e, talvez seguro, pois este fora nosso intento, para prováveis e futuras interpretações fenomenológicas e recortes teóricos capazes de desvelar algum caminho de sentido aos fenômenos iniciais, que suscitam o intrigante necessário aos que se determinam a propagar o conhecimento. Os escritos que trouxemos aqui nos ofereceram determinado direcionamento a vincular o entendimento das perversões a outros conceitos, conceitos esses que, desenvolveremos nos capítulos a seguir. O traço perverso na neurose traz curiosidades vinculadas não somente a comportamentos, a casos clínicos ou parcerias sintomáticas, mas também a interpretações teóricas. Sobre as pulsões, teremos então, um trabalho a seguir, porém sabemos que este conceito é fundamental e organizador de toda uma teoria. Nosso empenho está voltado a uma inferência passível apenas de acrescentar, pois desconstruir, em se tratando de um conceito tão bem formulado, seria um retrocesso. Sobre as pulsões teremos de ser atentos, pois elas podem ser relacionadas com diversos parâmetros conceituais e fenômenos abordados pela psicanálise. Todo o cuidado a aqueles que se colocam a relacionar conceitos e a tentar compreender a possível lógica de um diálogo teórico, respeitando neste a coerência epistemológica da teoria em que tudo reside, deve situar-se no sentido de não argumentar de maneira prolixa as bordas do objeto de pesquisa, visto que, o respeito a perspectiva metodológica é um dos fundamentos que pode ajudar a garantia do inequívoco valor de contribuição à humanidade ofertado pelos cientistas "humanos". Neste sentido, mesmo sabidos da grande influência da metapsicologia, como também das raízes positivistas

de Freud, acreditamos residir neste trabalho, assim como em suas preciosas fontes, o louvável intento de somar algo a aqueles que tratam de sujeitos acometidos por um sofrimento relacionado a nossa investigação.

3 AS PULSÕES

O que será que será
 Que dá dentro da gente e que não devia
 Que desacata a gente, que é revelia
 Que é feito uma aguardente que não sacia
 Que é feito estar doente de uma folia
 Que nem dez mandamentos vão conciliar
 Nem todos os unguentos vão aliviar
 Nem todos os quebrantos, toda alquimia
 Que nem todos os santos, será que será
 O que não tem descanso, nem nunca terá
 O que não tem cansaço, nem nunca terá
 O que não tem limite
 (Chico Buarque de Holanda)

A saber, de início, diferenciemos pulsão de instinto, a fim de não nos instalarmos na herança dúbia dos textos psicanalíticos de Freud, por intermédio de problemas de tradução, mais especificamente da tradução inglesa, tradução esta que nos permitira conhecer a obra freudiana por meio da língua portuguesa. *Trieb*, designação germânica ao conceito pulsão, fora termo traduzido erroneamente por James Strachey, que o concebera na versão inglesa como instinto.

Bem, simplificaremos então este pequeno problema. Logo, de início, tendamos a dizer sobre o que é de fato um instinto para Freud, eis a partir daí, que este é considerado um comportamento hereditário à espécie, ou seja, este pode ser considerado como uma força motivadora biológica, a satisfazer-se por meio de um objeto em específico, conservado sempre esta mesma finalidade. Assim sendo, Freud (1905) nos oblata sua primeira conceituação a respeito de tal ainda nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”:

(...) o representando psíquico de uma fonte endossomática e contínua de excitação em contraste com um ‘estímulo’, que é estabelecido por excitações simples vindas de fora. O conceito de pulsão é assim um dos que se situam na fronteira em o psíquico e o físico. A mais simples e mais provável suposição sobre a natureza das pulsões, pareceria em ser que, em si uma pulsão não tem qualidade, no que concerne a vida psíquica deve ser considerada apenas como uma medida de exigência de trabalho

feita a mente. O que distingue as pulsões umas das outras e as dota de qualidades específicas é sua relação com suas fontes somáticas e seus objetivos. A fonte de uma pulsão é um processo de excitação que ocorre num órgão e o objetivo imediato da pulsão consiste na eliminação deste estímulo orgânico (FREUD, 1905, vl.VII, p.171).

Destarte, já a pulsão, se diferencia de instinto ao passo que Freud (1905) estabelece para tal diferentes parâmetros, sendo que o primeiro pode ser aqui colocado, como um conceito a servir ao próprio autor que, ao registrar este em sua teoria, colocara o conceito pulsão a serviço do entendimento do funcionamento do aparelho psíquico, a fim de esclarecer seu modelo. Sejam razoáveis ao pensarmos nas condições discursivas em que o autor formulara seus intentos teóricos, já que na época o discurso científico positivista perpetuava, daí então, a necessidade de criar um conceito capaz de condensar fundamentos fisiológicos à existência do psiquismo. Lembremos que o nascimento da psicanálise fora em meio a um contexto discursivo dominado pelas ciências duras, da natureza, em oposição às ciências do espírito, portanto é de se aceitar que a mesma inclinasse a valer-se a partir de condições estabelecidas por esse viés.

A interpretação dos fenômenos psíquicos calcada em parâmetros fisiológicos era fundamental para constituição discursiva da psicanálise enquanto ciência no período de seu nascimento. Portanto, faz todo sentido entender pulsão como aquilo limítrofe entre o psíquico e o somático. Freud (1915) compartilha parte de sua formulação teórica do que é pulsão, em um dado momento, a diferenciando, preliminarmente, da compreensão conceitual do que é um estímulo. A pulsão é também uma estimulação, porém, há nela a minudência de que, é esta por si, uma estimulação independente de qualquer fator externo, ou seja, é a pulsão uma estimulação interna, uma auto-estimulação do próprio organismo. Verifiquemos:

Obtivemos agora o material necessário para traçarmos uma distinção entre os estímulos instintuais e outros estímulos (fisiológicos) que atuam na mente. Em primeiro lugar, um estímulo instintual não surge do mundo exterior, mas de dentro

do próprio organismo. Por esse motivo ele atua diferentemente sobre a mente, e diferentes ações se tornam necessárias para removê-lo. Além disso, tudo que é essencial num estímulo fica encoberto, se presumimos que ele atua com um impacto único, podendo ser removido por uma única ação conveniente. Um exemplo típico disso é a fuga motora proveniente da fonte de estimulação. Esses impactos podem, como é natural, ser repetidos e acrescidos, mas isso em nada modifica nossa noção a respeito do processo e as condições para a eliminação do estímulo. Um instinto, por outro lado, jamais atua como uma força que imprime um impacto *momentâneo*, mas sempre como um impacto *constante*. Além disso, visto que ele incide não a partir de fora, mas de dentro do organismo, não há como fugir dele. O melhor termo para caracterizar um estímulo instintual seria 'necessidade'. O que elimina uma necessidade é a 'satisfação'. Isso pode ser alcançado apenas por uma alteração apropriada ('adequada') da fonte interna de estimulação. (FREUD, 1915, vl.XIV, p.124)

Observem que Freud é precavido ao estabelecer uma consideração significativa sobre a ascendência da pulsão, ou seja, que esta vem a tomar representação derivada não de proveniências externas, mas de uma fonte, uma força interna, a saber, a exercer uma pressão (*drang*) constante, visto que, por forças orgânicas; um corpo a pulsar. Outra característica desta adjacência, que deve ser aqui lembrada, é que esta tem por necessidade a satisfação, independentemente dos meios, os fins são sempre determinantes; aliás, melhor no singular; o fim que, diferentemente do instinto, não tem um objeto determinado *a priori*, como nos ajuda a compreender este conceito em Freud; Castro (2004):

Entretanto, ao contrário de instinto, que circunscreve um objeto natural, a pulsão não tem objeto próprio. Observando as crianças, Freud concluiu que a sexualidade infantil é perversa polimorfa; aliás a própria sexualidade dos adultos tem essa característica, já que eles conservam uma multiplicidade de formas de satisfação sexual. Essa constatação levou à formulação da grande visada da teoria psicanalítica freudiana, que concebeu a perversão sexual como normal. Dessa forma, o que antes era visto como desvio passou a ser considerado regra da sexualidade humana. (CASTRO, 2004, p.11)

Notem que Castro (2004) já se coloca a relacionar o conceito pulsão com a questão da perversão, todavia aguardemos adentrar nesta

discussão e retomemos a construção freudiana sobre o tema. Sobre o momento em que Freud (1915) fundamenta seu postulado sobre as pulsões seria apreciável que, ao menos minimamente, contextualizemos alguns determinantes. É nítida neste momento de sua construção teórica a preocupação de Freud (1915) em estabelecer uma interpretação condizente ao modelo energético-econômico que fundamentava a sua teoria. Tais formulações conceituais partiam da inteligibilidade das relações entre o sistema nervoso e as percepções psíquicas. A pulsão se apresenta como uma representação destas formulações, podendo ser representada por uma idéia ou convertida por meio de um afeto. Advertamos que a atribuição a pulsão é consideravelmente importante, pois é esta algo que vem a dizer de uma estimulação orgânica e que em seguida, indefinidamente, vem a flexionar-se as possibilidades psíquicas, ou seja, de se ligar a um afeto ou a uma idéia, como foi colocado a *priori*. Em contrapartida, Freud recebe críticas posteriores de autores célebres, em deferimento de esta formulação ser convencionalmente ligada a um modelo de ciência positivista, como as de Michel Foucault, que se colocou a postular argumentação de que não há sentido em estabelecer compreensão biológica a um homem que já não é mais natural, porém sim cultural. Foucault (2002), curiosamente, atenta-se a ofertar-nos uma crítica de extrema contribuição ao momento histórico em que o conceito pulsão surge dentro do movimento psicanalítico. Para o autor, seria esta uma prova da influência trivial exercida pelas ciências naturais nas primeiras tendências ao estabelecimento de outro tipo de ciência, como, por exemplo, as ciências humanas. Ele vem a chamar o nascimento do conceito pulsão na obra Freudiana de um ecoar biológico da noção de ser humano, como verificaremos a seguir:

“Mas nenhuma forma de psicologia deu mais importância a significações do que a psicanálise”. A psicanálise ainda permanece, no pensamento de Freud, ligada às suas origens naturalistas e aos preconceitos metafísicos ou morais, que não deixam de marcá-la. Sem dúvida, há na teoria dos instintos

(instintos de vida ou expansão, instinto de morte ou de repetição) um eco biológico do ser humano. (FOUCAULT, pág. 141)

Bem, é uma crítica memorável, porém não habitemos nela, pois entendamos que talvez se fosse de outro modo a psicanálise não haveria se consolidado, o que seria lamentável. Porém, apesar de reconhecermos o quão sedutor seria nos aprofundar nesta discussão, retomemos o ponto nodal deste capítulo, a fim de compartilharmos o atilamento basal de algo ainda mais primordial e precioso, o conceito “pulsão” na obra Freudiana:

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um ‘instinto’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (FREUD, 1915, vl.XIV, p.127)

Deste modo, obtivemos o esclarecimento da importância a que vem este conceito, pois este nos é colocado como fundamental e organizador para a noção de um funcionamento orgânico e psíquico, ou quem sabe, já nesse momento, estrutural, daquilo que concerne ao humano. A pulsão pode ser compreendida como uma estimulação interna feita a mente. Logo, sobre tal, podemos atribuir que toda a exigência orgânica feita ao psiquismo, capaz de evocar determinada representação, pode ser delegada a força elementar de uma pulsão. Mesmo em 1920, Freud, em sua obra “Além do princípio do prazer”, admite ser o tema das pulsões um tema obscuro, de difícil investigação, porém é neste estudo que ele encontra elementos ainda mais importantes para sua obra. A idéia de que as pulsões são o que há de mais abundante, no que se refere a fontes de excitação internas, providas do corpo e transmitidas ao aparelho mental, é reforçada neste escrito. Contudo, é a reunião de fragmentos e inferências providas das observações feitas por Freud como, por exemplo, das brincadeiras infantis e a interpretação clínica de seus pacientes

sobreviventes da primeira guerra, os elementos fundamentais a oferecer-nos uma teorização importantíssima; as pulsões de morte.

“Além do princípio o prazer” é uma obra que merece toda nossa aplicação, pois pode ser considerada como um marco na trajetória freudiana. Ousamos a dizer que neste trabalho nos é revelado algo capaz de explicar comportamentos intrigantes e tendências obscuras, até então consideradas enigmáticas, ou, para muitos, apenas possíveis de serem entendidas por meio de crenças em forças obscuras. Porque o ser humano se inclina e repete ações que só intensificam e reafirmam em si e nos outros a dor e o sofrimento? Seríamos nós dominados por entes que nos manipulam a ir de encontro ao desprazer e a situações mortíferas que nos levam a beirar a própria morte? O que faz um ser humano entregar-se a uma posição circunscrita pelo sofrimento? Qual a nossa responsabilidade frente ao que nos devasta? Muitas destas perguntas necessitam de explicações metafísicas e muitos recorrem a atribuições religiosas para dar sentido a essas dúvidas. Crêem no demônio, responsabilizam o além. Porém Freud (1920), genialmente, propõe uma resposta que encontra preposições explicativas em outro “além”, um terreno no qual a inteligibilidade exclusiva ao princípio do prazer e ao princípio de realidade não é absoluta, portanto, eis o sentido do texto do início da década de 1920, intitulado, “Além do princípio do prazer”. Há algo em nós que nos destina ao estágio inanimado, há em nós uma pulsão que nos dispõe ao aniquilamento de toda a excitação, de toda a vida, a um prazer total; à morte como única finalidade, explicitada em uma máxima de Schopenhauer, pelo próprio Freud (1920): “A morte é o verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida⁵”.

Para compreendermos o que seria esta força motriz a serviço da morte, de início, retornaremos ao seu oposto, percorreremos as postulações Freudianas acerca do estudo no qual a crença do autor era conferida apenas pelo entendimento de que seria o aparelho psíquico

⁵ Schopenhauer (1851; *Sämtliche Werke*, coord. Hübscher, 1938, 5,p.236).

unicamente regulado pelo princípio do prazer. Sobre tal, severamente em busca de satisfação, o psiquismo, governado por instâncias inconscientes, se tencionaria a encontrar representações de satisfação em determinados objetos capazes de oferecerem respectivo apaziguamento às exigências de satisfação de pulsões inconscientes em busca do prazer. Ora, explanação genial, porém há um ponto em que ela não se sustentou e, felizmente, Freud (1920) pode desenvolver um caminho no qual sua contribuição foi, diga de passagem, fundamental. Freud (1920) pode perceber que algo precisava ser mais desenvolvido, mesmo que fossem tortuosos os caminhos para tal esclarecimento, sendo estes aparentemente pouco evidentes. O que explicaria comportamentos que buscam satisfação no desprazer? Para tal pergunta a lógica do princípio do prazer encontrava seu primeiro interstício. Porém, esta seria uma investigação em que Freud novamente encontrara uma brilhante saída para a consolidação de sua teoria.

Contudo, para compreendermos o que seria uma pulsão capaz de encontrar satisfação no desprazer, primeiramente, nos detenhamos a distinguir teoricamente o entendimento freudiano acerca da oposição prazer/desprazer. Para Freud (1920), tal oposição pode ser dimensionada através da economia de estimulação que incide sobre o aparelho psíquico. O prazer seria uma diminuição da quota de excitação, ou seja, referido pela capacidade do aparelho psíquico em manter níveis de excitação próximos a extinção. Uma grande quantidade de estimulação psíquica era, para Freud (1920), a configuração econômica do que podemos entender como desprazer:

Os fatos que nos fizeram acreditar na dominância do princípio de prazer na vida mental encontram também expressão na hipótese de que o aparelho mental se esforça por manter a quantidade de excitação nele presente tão baixa quanto possível, ou, pelo menos, por mantê-la constante. Essa última hipótese constitui apenas outra maneira de enunciar o princípio de prazer, porque, se o trabalho do aparelho mental se dirige no sentido de manter baixa a quantidade de excitação, então qualquer coisa que seja calculada para aumentar essa quantidade está destinada a ser

sentida como adversa ao funcionamento do aparelho, ou seja, como desagradável. O princípio de prazer decorre do princípio de constância; na realidade, esse último princípio foi inferido dos fatos que nos forçaram a adotar o princípio de prazer. Além disso, um exame mais pormenorizado mostrará que a tendência que assim atribuímos ao aparelho mental, subordina-se, como um caso especial, ao princípio de Fechner da 'tendência no sentido da estabilidade', com a qual ele colocou em relação os sentimentos de prazer e desprazer. (FREUD, 1920, vl.XVIII, p.27)

Ora, então perante a sistematização freudiana sobre a regência psíquica reguladora dos princípios de prazer/desprazer o que seria a morte? A morte pode ser considerada como a extinção de toda a estimulação, de toda a quota de excitação do aparelho psíquico, o retorno ao estado inanimado, o aniquilamento de todo o desprazer, logo; o prazer total. Em função desta construção, consideremos que, sobre a relação sistêmica do psiquismo, é coerente que possamos extrair desta uma preposição lógica para a criação do conceito de pulsão de morte. Embora que, para tal, Freud (1920) tivera de usar recursos empíricos, no que se refere a comportamentos observáveis, assim como construções providas de seus atendimentos clínicos.

Com muita perícia, como também debruçado em profunda análise, Freud (1920) pôde identificar, observando as já citadas brincadeiras infantis, uma compulsão a repetição, ou seja, uma reprodução contínua, nestas brincadeiras, de uma situação de desprazer. O objeto de contemplação freudiana, neste caso- do conhecido "Fort Da"-, eram comportamentos infantis que representavam, através de um jogo lúdico pueril, uma situação correspondente ao desaparecimento da mãe, ou seja, a de um rompimento "desprazeroso" entre a criança e o objeto que representava a posição materna. O que chamou atenção de Freud na situação explanada foi, justamente, a satisfação sentida pela criança ao brincar, de maneira correspondente a uma situação de desprazer, simulando e repetindo por meio de um jogo, usando um carretel de linha, uma situação que, a princípio, tem sua origem em uma experiência de rompimento para com a mãe, e nesta nada havia de prazeroso, ao menos

aparentemente. Parece razoável a suposição de que a supressão da mãe é certamente uma experiência que, primariamente, pode ser atribuída por interposição da ordem do desprazer para a criança. Sobre tais comportamentos repetitivos pueris, Freud (1920) pôde arrecadar daí um recurso positivista para uma posterior e fundamental legitimação teórica, mesmo sabendo que sua analogia estava sendo contemplada por uma transposição conceitual interpretativa, pertinente a formulação do conceito pulsão de morte.

Em seguida, ainda no mesmo artigo, Freud (1920) pôde reafirmar sua argumentação de que haveriam qualidades psicológicas que reforçariam seu argumento da possibilidade de uma psicodinâmica inconsciente reguladora a suplantar o princípio do prazer. A respeito destas formulações, estas puderam encontrar sustentação extraída da experiência clínica de Freud, com os já referidos, ex-combates da Primeira Guerra Mundial. A partir desta, ele pode averiguar sobre o caráter não equivalente das reminiscências provenientes de sonhos aterrorizantes, sofridos por estes ex-combatentes, com a lógica de serem os sonhos manifestações de desejos inconscientes, ou seja, houvera aí o encontro com um dos fundamentos do registro freudiano que, posteriormente, iria alicerçar a falência da regulação das manifestações inconscientes únicas e exclusivamente vinculadas pela lógica do princípio do prazer, sobretudo no correlativo ao conteúdo manifesto nos sonhos. Em decorrência desta coesão, Freud (1920) pôde atribuir ao aparelho psíquico uma dimensão relacionada às tendências masoquistas do ego, que ofereciam possibilidades de representações inconscientes, a transfigurarem-se para o psiquismo dos ex-combatentes de guerra, por intermédio de um material psíquico regulador. Uma fixação a uma experiência de desprazer pudera ser averiguada por Freud (1920), pois relatos de pesadelos recorrentes de seus pacientes, vítimas de algum trauma sofrido na guerra, eram comuns neste momento da alçada de sua clínica. Traumas eram reapresentados, revocados e revividos em sonhos de horror; reminiscentes. A partir destes novos fenômenos clínicos, Freud (1920)

fora capaz de formular uma interpretação apropriada a oferecer um entendimento panorâmico de que algo no inconsciente pulsava e tomava as instâncias egóicas por figuras mortíferas. Portanto, haveria nestas manifestações mais um sustentáculo para a posterior formulação do conceito "pulsão de morte". Uma força inconsciente passa pela barreira do recalque e encontra uma exeqüibilidade de satisfação. Todavia, esta força pulsional não toma conhecimento da qualidade de sua representação; pouco importa para a pressão exercida pelas pulsões de morte se estas vão ser atendidas pelo prazer ou desprazer, ou, ainda melhor, se estas vão em direção ou não a um estágio desprovido de ânimo. Corroboremos em outro momento freudiano uma analogia que muito nos ajuda a entender esta relação entre as representações possíveis a instância (ou objeto?) ego e a pressão exercida pelas pulsões derivadas de forças advindas do inconsciente. Representaremos abaixo, já no modelo referente à segunda tópica, ou seja, já fazendo referência ao modelo representado pelas instâncias psíquicas Id, Ego e Superego, uma das conseqüências das forças pulsionais oriundas do inconsciente e de como estas podem incidir sobre o ego:

A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. A analogia pode ser levada um pouco além. Com freqüência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (FREUD, 1923, vl.XIX, p.39)

Bem, a referência conceitual análoga que cabe a esta passagem pode ser apontada como a pulsão, visto que, obedece aos mesmos preceitos, portanto é este fragmento da obra "O ego e o id" de 1923, por Freud, uma menção a já trabalhada idéia de pulsão inconsciente. Em pormenores, é mais uma maneira que Freud (1923) encontrou de

explicitar a predominância das pulsões inconscientes sob as instâncias psíquicas, no caso acima, sobre o ego. Mas como Freud chegou a primeira distinção entre pulsões de vida e pulsões de morte?

3.1 As transposições dualísticas

Ora, de fato eis uma formulação importantíssima, a ponto de conferir uma releitura considerável no estabelecimento da teoria freudiana, porém Freud debruçou-se com empenho sobre esta questão, logo, após rigorosa reflexão, ele resolvera postular outros desdobramentos acerca deste problema. Retifiquemo-nos, a oposição pulsões de vida/pulsões de morte, todavia tratemo-las como opostas apenas no sentido didático, pois para Freud (1920) estas não eram qualitativamente diferentes, mas sim topograficamente distintas, fora, na verdade, uma reformulação do autor, pois uma formulação sobre a dualidade das pulsões já havia sido registrada em sua obra em passagens anteriores ao artigo de 1920. Por conseguinte, tomemos os incrementos teóricos conferidos à teoria das pulsões. O dualismo a que retemos atenção, sejamos cômicos e mais precisos, se trata de uma re-formulação nos elementos teóricos constituintes. Por conseguinte, entendamos o porquê estas passagens teóricas tiveram de ser reformuladas.

Em 1920, nascera na obra de Freud uma pulsão diferente, pois seria esta um componente não libidinal, diferente dos elementos que compunham os dualismos anteriores. Contudo, nem sempre fora assim. Em 1914, em resposta e em descontentamento a compreensão equivocada, segundo Freud (1914), de Jung, ao que era conferida a teoria da libido, Freud controverteu-o abordando o segundo dualismo pulsional. Jung, citado por Freud (1914), e contrário as idéias do mesmo, considera que não havia na libido um componente sexual. Daí então, ocorrera a resposta de Freud, em 1914, com o célebre artigo "*Zur Einführung Des Narzissmus*" que, em português, fora traduzido como "O Narcisismo: uma introdução". É neste escrito que Freud (1914) nos oferta uma elaborada

distinção dualística pulsional, e é com esta que ele rompe com as idéias de Jung nos esclarecendo muito sobre a dinâmica do psiquismo. Contudo, anteriormente a esta segunda oposição, as pulsões se dualizavam entre as pulsões de auto-preservação, ou seja, as pulsões que tinham o eu como principal objeto de investimento, daí então, o sentido do termo narcisismo, e dentre as pulsões sexuais, sendo estas as pulsões que tinham outros objetos como destino, no sentido de haver uma libido destinada aos objetos exteriores ao eu. Eis, a partir daí, o primeiro dualismo: pulsões de auto preservação ou do eu/pulsões sexuais ou do objeto. Todavia a análise freudiana não se limitou a sopesar que a libido estaria direcionada apenas aos objetos, pois a partir de um estudo mais acintoso para com a relação das pulsões e o Ego, o autor pudera compreender que muitos dos investimentos direcionados ao Eu eram exigências de natureza também libidinal. Neste sentido, o segundo dualismo deixou de colocar as pulsões do Ego como opostas as sexuais, ou seja, tornaram as sexuais equivalentes as pulsões do Ego. Então, obtivera Freud a oposição Pulsões do Ego/ pulsões do objeto. Ora, mas e as pulsões sexuais, libidinais? Simples, ambos os componentes desta segunda oposição passaram a ser considerados como de natureza também libidinal, ou seja, as pulsões sexuais passaram a não ser exclusivas aos objetos, mas também ao Ego, como se a libido fosse capaz de investir pulsões de todas as naturezas. Será mesmo? Bem, incansável Freud; nunca contentou-se, mas jamais nos abandonou diante de dúvidas que surgiram em sua pesquisa.

Em 1920, como convencionado no início do que já abordamos sobre as pulsões, tudo aquilo que fora conferido a todos os elementos dualísticos, no referente ao aspecto conceitual, fora concebido como pulsões de vida (Eros), em oposição, provido deste registro teórico, houvera lugar ao terceiro dualismo, sendo este: pulsões de vida/pulsões de morte. Neste sentido, as pulsões libidinais – do ego e dos objetos – passaram a não serem mais consideradas como únicas e exclusivas, mas como pulsões de auto-conservação, pulsões de vida. Sabemos que as

pulsões sexuais, muitas vezes, são direcionadas a um objeto externo, como, por exemplo, a genitália do parceiro amoroso ou, em momento anterior, ao seio da mãe, que amamenta a criança em uma passagem referida ao complexo de Édipo.

Os parâmetros capazes de estabelecer precipuamente esta distinção têm suas raízes arraigadas em estudos e experimentos providos de correntes biológicas. A postulação de que as instâncias orgânicas pormenorizam-se entre soma e plasma germinal constitui o principal fundamento para a oposição pulsões de morte/pulsões de vida, porém como esta relação pode ser verificada teoricamente? Observem que este dualismo é para Freud (1920) tão digno de credulidade teórica que este mesmo registra em sua obra, mais uma vez, uma crítica a teoria da Libido de Jung, chamando-o de um monista apressado, como averiguaremos a seguir:

Mas ainda nos é mais necessário enfatizar o caráter libidinal dos instintos de autoconservação, agora que nos estamos aventurando ao novo passo de reconhecer o instinto sexual como Eros, o conservador de todas as coisas, e de derivar a libido narcisista do ego dos estoques de libido por meio da qual as células do soma estão ligadas umas às outras. Mas agora, subitamente, defrontamo-nos com outra questão. Se os instintos de autoconservação são também de natureza libidinal, talvez não existam quaisquer outros instintos, a não ser os libidinais? De qualquer modo, não existem outros visíveis. Nesse caso, porém, seremos, no fim das contas, levados a concordar com os críticos que desconfiaram desde o início que a psicanálise explica *tudo* pela sexualidade, ou com inovadores como Jung, que, fazendo um juízo apressado, utilizaram a palavra 'libido' para significar força instintual em geral. Não deve isso ser assim? (FREUD, 1920, vl.XVIII, p.63)

Não adentremos em uma discussão querelante, o que nos interessa nesta passagem, mesmo sendo curiosa a resposta de Freud a Jung, ainda cômicos de que neste momento as pulsões do Ego são agrupadas e compreendidas como pulsões também libidinais, assim como as do objeto, seria o entendimento de que são as pulsões organizadas genitalmente, no referente a aspectos topográficos, as responsáveis pela tendência à vida e



Figura 4: Psique revivida pelo beijo de Eros
Fonte: Obra de Antônio Canova - Museu do Louvre, Paris.

que, curiosamente, toda a outra tendência pulsional se destina ao estágio inanimado. É Freud (1920), neste momento de sua obra, um crédulo de que a vida se dá somente por meio da reprodução, das pulsões sexuais. Mas como ele pode se posicionar de uma maneira tão segura? Ora, o que podemos esperar de Freud? Para aqueles que apreciam suas construções e já podem, de certo modo, esperar uma constância característica em sua argumentação, esperemos o melhor, visto que, Freud é sempre cuidadoso, didático e convidativo ao entendimento de tudo aquilo que teorizou, seja em sua metapsicologia, seja em seus artigos adentrados em uma perspectiva mais antropológica.

Ainda sobre este ponto, e no caso do constituinte ao conceito de pulsão, atribuído a modalidade metapsicológica, também não fora diferente. O fundamento para a transgressão do segundo dualismo pulsional, ao terceiro, fora instituído empiricamente. O chamado, por alguns, "ranço biológico", fora um terreno seguro em que Freud (1920) plantou suas sementes e nos assegurou também um caminho digno, digno não só a modelos explicativos, mas também a posições clínicas. Freud

(1920) observou o estudo de protozoários que se multiplicavam por dimerização, ou seja, quando partidos ao meio, por um filete qualquer, suas duas metades se reproduziam em células idênticas, dando origem a outro organismo vivo. Por conseguinte, Freud (1920) estudara várias correntes e experimentos biológicos para sustentar as conclusões sobre a finalidade orgânica de todo ser vivo, por meio da constatação de experimentos, feitos por biólogos renomados, para com várias gerações de organismos mais simplificados, desde o nascimento até a morte. Algumas conclusões importantes foram tiradas.

Freud (1920) debruçou-se sobre os resultados registrados sobre o comportamento destas células durante todo seu ciclo vital e concluíra que elas só tendiam a vida ao se reproduzirem e que morriam impreterivelmente. A morte para os seres orgânicos era uma condição *sine qua non* e sua inclinação à vida só podia ser verificada quando estes estavam a reproduzirem-se.

Recorreremos a dois pontos importantes. O conceito de pulsão fora pensado a partir de instâncias orgânicas e este dava margem a interpretações acerca do psiquismo humano, ou seja, embora as conclusões sobre as pulsões partissem, conquanto não unicamente, de um experimento com células mais simples, seria de toda coerência que Freud transpusesse de maneira alusiva suas conclusões às dimensões mais genéricas de sua teoria.

Em outras palavras, Freud (1920) concluíra que, assim como os protozoários que estudara, as pulsões que dinamizavam o psiquismo humano eram intrínsecas ao orgânico, tendendo-o ora a morte, ora a vida, sendo as primeiras, pulsões também capazes de investir no Eu e as segundas, exclusivas à auto-preservação reprodutiva.

Acreditamos ter estabelecido determinado esclarecimento sobre a temática das pulsões e inferimos estar preparados para uma etapa posterior deste trabalho. A perversão fora tomada a partir de uma perspectiva congruente a Freud, do mesmo modo as pulsões. Outrora, iremos tentar demonstrar a seguir o porquê destes caminhos e como

estes podem ser percorridos relacionando-se. Afinal, qual o sentido de inventariar as pulsões e o traço perverso? Quem mais pode nos ajudar nesta caminhada? Em quê isto pode sustentar a clínica? Muitas perguntas foram-nos suscitadas em emprego de nossa breve caminhada, porém acreditamos termos estabelecido fonte segura para continuar nossa investigação, e, portanto, daremos seguimento a esta, a tentar compreender, mais precisamente, o ponto em que nossa relação conceitual – perversão/pulsão- pode ser verificada verossimilmente.

Adiante, nossas formulações argumentativas se balizarão dialeticamente em provimento da perspectiva referente à noção de estrutura, por Lacan. Tentaremos também, por motivos de coerência epistemológica, manter-nos sob a lógica relacional para com a teoria freudiana. A relação da castração e o mito de Édipo deve constar na montagem de nosso raciocínio, pois somente podemos argumentar sobre a incidência de um traço de outra estrutura, se formos capazes de demonstrar determinada lógica estrutural. Além disso, deveremos recorrer à explicitação de determinados elementos e posições conexas a uma estruturação característica, ou seja, um traço deve ao menos soar como um elemento antígeno presente em uma estrutura que normalmente não o hospeda, razoavelmente em decorrência da organização dinâmica de seu material psíquico.

Entretanto, é a tentativa da compreensão da psicodinâmica pulsional, no referente ao traço de perversão na neurose, um dos nossos principais desafios em nossa próxima etapa. Contudo, sabemos de todos nossos limites e das dificuldades de inferir uma relação metapsicológica para com uma atuação sintomática pouco comum nos registros da clínica freudiana, sobretudo porque os terrenos para tal não são seguros, ao passo que a noção de uma estrutura ainda não estava tão clara em Freud. Neste sentido, muitas dúvidas emergiram, todavia algumas destas devem ser lembradas: seria possível relacionar tal dinâmica econômica a uma roupagem de um sintoma neurótico determinado por uma fantasia sintetizada também pela lógica do complexo de Édipo? Um traço perverso

na neurose pode ser compreendido como uma tradução de um material psíquico reminescente de conteúdo conflitante com as instâncias repressoras do aparelho?

4 A PSICODINÂMICA PULSIONAL DO TRAÇO PERVERSO

Oh I'm going to buy this place and start a fire
 Stand here until I fill all your heart's desires
 Because I'm going to buy this place and see it
 burn. Do back the things it did to you in return
 He said Oh I'm going to buy a gun and start a
 war. If you can tell me something worth fighting
 for .Oh and I'm going to buy this place, that's
 what I said. Blame it upon a rush of blood to the
 head.

(Coldplay)

4.1 O traço mnêmico

Notem que, se estamos a tratar de um termo tão conciso e indispensável quanto o litígio estabelecido ao que Freud postulara como “psicodinâmica”, nada mais razoável do que articularmos tal inteligência para com aquilo que estamos reafirmando ser um traço. Ora, mas em que momento Freud registra em sua obra a influência de um traço na psicodinâmica do aparelho?

Datamos 06 de dezembro de 1896, quadra na qual Freud escrevera a famosa carta 52. Neste escrito já podemos observar que Freud (1986) já admitia a consideração de que o mecanismo psíquico decomposto por ele teria passado por um processo compreendido por uma estratificação. Sejam cuidadosos, pois este é um ponto delicado e complexo, visto que, negligenciá-lo em função de sua problemática inteligível seria falta de cuidado com a fundação de um terreno que não pode ser deixado a deriva. Vejam bem, estamos falando de um traço de memória, ou seja, consideremos que há um material psíquico que pode ser verificado em seu conteúdo por meio da observação de sua forma mnêmica. Logo, Freud (1986) vai ainda mais adiante, pois nos assegura que este material acatado como um traço, um registro de memória, estaria disponível a uma insídia, esporadicamente processada, em deferimento de novas ocasiões aptas a provocarem que estes tenham de rearranjarem-se e se re-

transcreverem. Por conseguinte, devemos perfilhar que a memória não acolhe seus registros de maneira austera ou rígida, ou melhor, estes não permanecem traçados como linhas intransigentes aos desdobramentos agenciados pelo tempo. Neste sentido, admitamos que os traços de memória sejam assentados em diversificadas jaezes de indicações. Contudo, ainda na carta 52, Freud (1986) nos chama atenção entre a relação dos traços para com os aspectos topográficos do aparelho, demonstrados por meio de um esquema semelhante ao que compartilharemos a seguir:

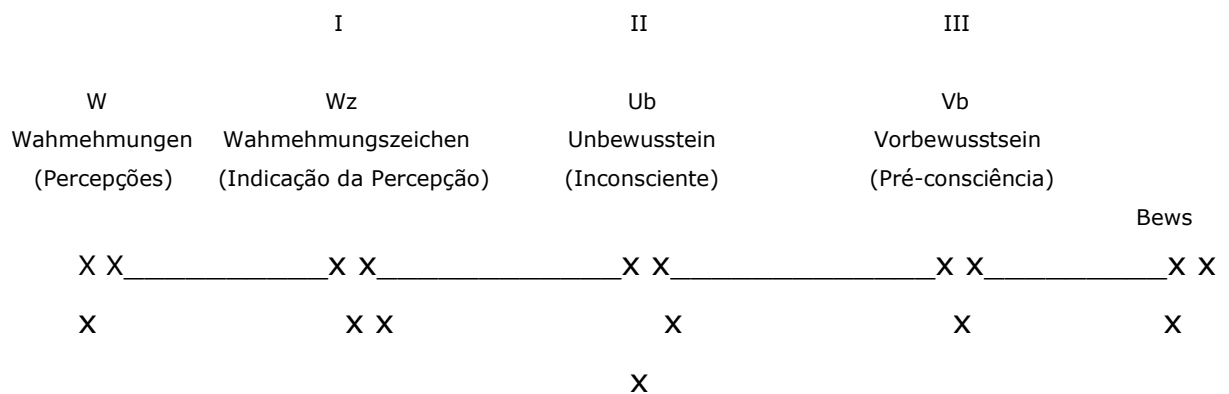


Figura 5: Quadro esquemático do aparelho psíquico
 Fonte: A interpretação dos sonhos (1900^a), Vol. V, págs. 573-7, IMAGO, 1972.

Logo, apesar do esquema ainda ser uma representação que demarca ao que é considerado como “Primeira Tópica” na teoria freudiana, prestemos atenção em um ponto em que uma incoerência poder-se-ia emergir. Então, mesmo após as noções de Id, Ego e Superego, representações equivalentes a segunda tópica, isto não acontece, pois a demarcação de que há inscrições correlativas a traços inconscientes não fora abandonada. Em função disto, o raciocínio de Freud, mesmo após significativa transgressão, não pode ser considerado como inconceito. Portanto, admitamos que ao desemaranhar melhor as lógicas topográficas que concernem a dialética de um traço perverso, transfigurado e em conexão com uma inscrição primeira no psiquismo, estaríamos nós diante de uma perspectiva freudiana que pode, ainda com

mais competência, sustentar a noção de um traço que abaliza territórios anteriormente desconhecidos por nós em sua natureza, ou seja, de que o traço é inconsciente e mnêmico. Contudo, avancemos em nossa problemática.

Entretanto, ainda sobre o esquema acima, o próprio Freud (1986) considera que uma decomposição sistemática sobre as lógicas correlativas aos registros do aparelho geraria uma nova Psicologia. Em função disto, hesitaremos em fazê-la, todavia nossa justificativa é devida ao fato de ser esta tangente a argumentação adéqua a qual nosso objeto outorga-nos. Embora saibamos que, sobre a questão do traço perverso na neurose, reconhecer que as sucessivas reminiscências psíquicas, a saber, atreladas a vida mental, são preconizadas por uma tradução do material psíquico equivalente aos registros de memória em questão, não obstante convencionadas por mecanismos psicológicos quantitativos. Apesar disso nem sempre toda natureza material é traduzida, pois muitos conteúdos são interpelados pela vigência do mecanismo de recalçamento. O mais interessante é o asseveramento de que lembranças capazes de promoverem obtenção de prazer sexual normalmente não podem ser inibidas, ou seja, mesmo que um traço provoque uma atuação perversa, este pode ser transcrito em desempenho de sua idoneidade de aquisição satisfatória.

4.2 O traço e a lógica da castração

Em muitas passagens e conclusões da teoria de Freud, este pode aproximar-se de uma noção de estrutura, a estabelecer formulações capazes de nos oferecer entendimento sobre a possível prevalência de uma dinâmica particular, a saber, sobre o psiquismo, formando possibilidades de inferências e equivalências comportamentais, ou, tomando um termo também adéquo, a marcar uma diferença de posição. E, sobre isto, obtivemos a consideração de que há na postura perversa, ou, como prefere André (1995), na impostura perversa, um

posicionamento particular, uma diferença substancial frente a algo maior, assim como também na neurose e psicose. Não obstante, no que preconizaríamos mais atenção? Em que ponto devemos instaurar nossa argumentação para articular as formulações anteriores de maneira concisa a presente temática? Respondamos, mesmo que parcialmente, a primeira pergunta, sendo também aproveitada à segunda, devido ser a partir daí o início de nosso nó. O ponto nodal para muito da legitimidade de nosso argumento se dá pela lógica da castração, o traço perverso na neurose pode ser compreendido como uma posição conflituosa frente a castração, todavia, diferente da posição perversa, pois na primeira houvera o recalçamento e o reconhecimento da inscrição da mesma, ao contrário da denegação da segunda, em função disto se legitima o sentido de inferir a existência de um traço característico de outra estrutura. Ora, o que tem de ser evidenciado é que só podemos inferir a prevalência de um traço perverso na neurose se formos concisos o suficiente para demonstrarmos que o referente ao nosso objeto é de fato um elemento não característico. Devemos demonstrar, por meio de determinada coerência teórica, a lógica para considerar adventícias algumas manifestações sintomáticas em uma posição na qual os sintomas normalmente são outros, para que possamos inferir que há, no caso da neurose, o empréstimo de elementos constitutivos de uma posição ímpar, substancialmente particular e estruturada. A idéia de traço ou fantasia só faz sentido se nesta houve uma substância capaz de ao menos fazer menção a outra lógica estrutural.

De fato, eis um solo fecundo, vereda de muitos horizontes, eis uma metáfora que pode ser atribuída a dialéticas intrínsecas a várias teorias, ontologias ou até mesmo com especificidades da dimensão subjetiva do humano. Logo, acreditamos ser, neste caso, e em outros semelhantes, o termo castração uma conjectura abarcada por extrema peculiaridade, uma fissura, capaz de nos fazer correr um grande risco neste trabalho, o risco da divagação, caso se este tema for, por nós, abordado em suas outras estaturas que não as referidas ao nosso objeto, ou seja, é digno ao nosso

intento que consigamos estabelecer, de modo adjunto, um diálogo entre castração e traço.

Curiosamente, não começemos por Lacan, a tomar a lógica da castração, e de, usá-la então, para lançar luz sobre nosso desígnio de explanar o que seria uma estrutura e, a *posteriori*, um traço de outra. Preliminarmente, notemos os recursos oriundos de Freud e seu tempo, com a finalidade de elucidar, mesmo que apenas em alguns aspectos, a lógica da castração. Lembremos que, no estabelecimento da releitura de Lacan para com a psicanálise, este usara a ferramenta mais característica das produções e do movimento de sua época; para tal, salientemos, a alusão é ao movimento estruturalista, e do estabelecimento da psicanálise através da lógica da linguagem que, assim como a antropologia, fora uma corrente decorrente da vertente das estruturas. Em contrapartida, a teoria freudiana da psicanálise nascera anteriormente a este movimento e, logicamente, não fora este o viés propulsor da orientação e construção conceitual desta. Sabendo um pouco desta lógica, ou seja, abrangendo melhor historicamente as condições discursivas da consolidação da teoria psicanalítica mencionada por seu precursor, temos então uma importante pergunta, quais foram então os recursos que Freud usara para explicar as particularidades se ele não tivera a ajuda do discurso do estruturalismo? A resposta é simples e, é por está, que iremos tentar esclarecer um pouco sobre a importância conferida a metáfora da castração. Logo, antecipemo-la, o resultado desta questão pode ser relacionado, também, a lógica de incidência do Mito à particularidade.

Se ainda não temos o simbólico de Lacan (1958) para elucidar a castração formulada no complexo de Édipo, temos então, algo de imaginário, determinado contato com um pai, castrador, que não o intocável pai simbólico. Daí então, a necessidade de abordar este pai usando para tal uma construção mítica. Contudo, isso não aniquila e nem vai contra a interpretação lacaniana em conceber o Édipo por meio das conjecturas derivadas da linguagem, pois a função da inteligência da

relação mito/subjetividade não se reduz a objetivos débeis e nem querelates.

4.3 A castração em Freud

Segundo Freud (1913), havia um tempo, em que civilizações primitivas (sendo o autor tomado por perspectivas de estudos antropológicos e sociológicos) não eram fomentadas pela solidez de um grupo social organizado. Neste momento em Freud (1913), havia a crença de que em todo princípio houvera o ato, ou seja, em outras palavras, Freud (1913) era crédulo de que toda a realidade psíquica era oriunda de uma vivência real de alguma civilização anterior, mais remota. Deste modo, houvera um poderoso mito, ou, não sabemos ao certo, talvez não mítico, de que em uma horda reinava, também, um poderoso e único chefe, severo e egoísta; tirano pai primevo. Este pai tinha em suas mãos toda concentração do poder da horda, de todas mulheres desfrutava, sem compartilhar nenhuma e, como se não bastasse, nenhum outro direito era atribuído de maneira solidária aos outros membros da horda, nem mesmo o espaço, em que meninos cresciam e eram expulsos antes de se tornarem também homens, a fim de garantir a soberania, o poder de um único pai. Um pai terrível e único gozador. Daí então, o ódio fora instaurado, assim como o medo, pois de nada adiantaria se o pai primevo fosse enfrentado e não fosse vencido, visto que, sua vingança seria como um cruel extermínio.

Todavia, certa vez, os irmãos, tomados pelo sentimento de ódio que o egoísmo que a tirania pai provocava, reuniram-se e, assim como o Deus Grego Cronos que matara seu pai, juntos derrotaram o pai primevo devorando sua carne, com o intuito de incorporar seu poder, inaugurando, também como Cronos o fez, a castração, erradicando a organização da horda por meio do poder exclusivo patriarcal. Não obstante, desavisados das conseqüências, outra organização e lógica imperativa iria operar em resultado do assassinato do pai anteriormente detentor de todo o "gozo".



Figura 6: Cronos devorando um dos seus filhos
 Fonte: Quadro Peter Paul Rubens, 1639

No entanto, sendo mais uma vez possível a alusão a Cronos, o medo de um futuro ataque se instaurou e, ao contrario de Cronos, que devorava seus filhos, os irmãos da horda renunciaram a liberdade e, movidos pela culpa mortificante por terem matado o amado/odiado pai, o representaram através de um totem, um símbolo sagrado que voltou a fazer com que o pai morto vigorasse enquanto uma lei naquela horda. Deste modo, a proteção do pai passou a ser demandada e um acordo simbólico houvera:

(...) um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai- proteção, cuidado e indulgência- enquanto que por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real. (FREUD, 1913, vl.XIII, p.148)

Eis que daí tornou-se o pai morto tão poderoso quanto o pai real vivo, eis que a inauguração da castração passou a fortificar uma nova posição frente a este pai. Segundo Castro (2004), após a morte do pai primevo, os filhos passaram a não gozar sexualmente de seus filhos e isto reforçou entre eles o laço fraterno, do mesmo modo que a regulação das relações entre homens e mulheres fora atuada por uma proibição do pai assassinado. A Lei operadora da castração passou a vigorar por meio do "velório" do pai enquanto seu eterno representante, como também pelo remorso e culpa instaurados após sua tragédia. Todavia o que acontece com aqueles que de alguma forma, mesmo que tendo incorporado esta lei, constroem fantasias para burlá-la? Quais as lógicas pulsionais também operantes na psicodinâmica reconhecedora e ao mesmo tempo desafiadora da castração?

4.4 Paradigma da estrutura

Bom, hesitemos, ao menos por hora, em tentar responder a todas estas perguntas, pois outro fator importante para compreendermos a relação mítica, organizada por Freud, para com a particularidade, é também de suma importância que façamos a relação do mito de Édipo para com a estrutura. Contudo, fora na teoria de Lacan (1958), que o Édipo passou a ser concebido por um estatuto lógico congruente a linguagem e estrutura. Sendo que fora este autor quem empreendeu uma releitura da psicanálise por meio do estruturalismo e deu à perversão a qualidade de estrutura frente à linguagem, de uma posição particular estruturada a partir de uma passagem edípica diferenciada, a estabelecer um caráter distintivo frente ao Outro. Embora não somente esta noção de estrutura fosse dada unicamente na perversão, pois de fato o sentido de inferi-la estendera-se também no correlativo a neurose e a psicose.

Todavia, habitemos com cautela na teoria de Jacques Lacan, pois ao contrário de Freud ele estabelece-se por meio do estruturalismo e o

reafirma em seus seminários e escritos. Uma psicanálise estruturalista é trabalhada por este autor e a linguagem vem a ser o seu elemento nodal e articulador. Na verdade, perversão, neurose e psicose são concebidas mais distintamente como estruturas, de maneira elementar. Não obstante, segundo Lacan (1958), é pela relação com a linguagem que estas se dão e podem ser notadas como posições a estabelecerem dialética frente a castração, instaurada pela metáfora paterna, inauguradora da cadeia significante. Logo, para cada uma destas posições, houvera um mecanismo, uma forma de articularem-se com a linguagem, por exemplo, no caso da perversão, este mecanismo fora o desmentido, a recusa da castração, diferentemente da neurose, na qual houvera o recalque e como na psicose onde nada fora inscrito, ou seja, foracluído. Em "As Psicoses", Lacan (1955-1956) estabelece que, no caso da psicose, a introdução do nome do pai, por meio do discurso da mãe não acontece, fazendo com que o sujeito psicótico, por meio do mecanismo de foraclusão, não receba a inscrição provida do plano simbólico.

Deste modo, a não entrada do pai, como significante inaugurador da castração, não dá condições para o sujeito renunciar-se como falo e herdar a cadeia significante que conseqüentemente faria com que o sujeito tivesse de simbolizar o desejo barrado pela mãe, ou seja, a não entrada do pai impede com que o sujeito tenha de se haver com o colapso que antecede qualquer satisfação em direção a qualquer objeto. Bem, mas como relacionar a estrutura concebida pela linguagem para com o movimento explicado pelo mito de Édipo?

De fato, a construção do Édipo em Lacan (1958), nos possibilita melhor esclarecer a noção de traço perverso na neurose. Para o sujeito neurótico, no primeiro tempo do complexo de Édipo, segundo Lacan (1958), a mãe, por meio de uma relação especular, o concebe como falo, estabelecendo entre a criança, mãe e falo uma relação simbiótica de completude, sendo que, para Lacan (1958), neste momento o sujeito não reconhece ainda a falta, é um sujeito não barrado pelo Outro, pelo significante. A criança é alienada de seu desejo, acaba a desejar o que a

mãe deseja, se encontra como fálica, desconhecedora de um interceptor para a satisfação plena de toda a pulsão sexual. Considera Lacan (1958) que neste tempo do Édipo o sujeito é um sujeito sem barra, a desconhecer a inauguração da falta pela linguagem, deste modo o Outro é também não barrado pela castração.



Figura 7: Édipo e a Esfinge

Fonte: Gustave Moreau, 1904 – Metropolitan Museum of Arts, New York

Todavia é com a entrada do pai, num segundo momento, como significante substituto a barrar o desejo alienante da mãe, que o sujeito tem que abrir mão desta pulsão, a fim de organizá-la frente ao falo e reconhecer a castração provida da intercessão do pai inaugurando a cadeia simbólica e reconhecendo-se como castrado, tornando-se um sujeito barrado, como averiguaremos em Lacan (1958):

A posição do pai como simbólico não depende do fato de as pessoas haverem mais ou menos reconhecido a necessidade de uma certa seqüência de acontecimentos tão diferentes quanto um coito e um parto. A posição do Nome-do-Pai como tal, a qualidade do pai como procriador, é uma questão que se situa no nível simbólico. Pode materializar-se nas diversas formas culturais, mas não depende como tal forma cultural, é uma necessidade da cadeia significante. Pelo simples fato de vocês instituírem uma ordem simbólica, alguma coisa corresponde ou não a função definida pelo Nome-do-pai, e no interior dessa função vocês colocam significações que podem ser diferentes conforme os casos, mas que de modo algum dependem de outra necessidade que não a necessidade da função paterna, à qual corresponde o Nome-do-Pai na cadeia significante. (LACAN, 1958/1999, p. 187)

Castração que o perverso irá denegar eternamente, jamais irá reconhecer a falta da mãe e conseqüentemente a sua, posicionando-se na recusa desta barra que vem do significante simbólico ofertado pela tirania da entrada do nome do pai. Manobra não realizada pelo neurótico, reconhecedor da castração, a recalcar seus desejos incestuosos, a fim de não perder seu falo, reorganizando sua pulsão anteriormente direcionada a uma mãe também simbioticamente fálica e se tornando um sujeito barrado diante da castração. Contudo, o que acontece quando este sujeito neurótico, barrado pela castração, cria uma fantasia, sintetizada a partir do complexo de Édipo, para não se haver com a inauguração desta falta? Lacan (1969-1970) representa esta constituição fantasiosa pelo seguinte matema:



Figura 8: Matema da fantasia para Lacan (1969-1970)
Fonte: Seminário 17 de Jacques Lacan – O avesso da psicanálise

Deste modo, o que se pode atribuir a esta construção fantasiosa, é que o sujeito, barrado pela castração, constrói uma roupagem fantasiosa, podendo ser concebida como sintomática, na intenção de tamponar a falta. É a fantasia neurótica, referencialmente perversa, uma tentativa de

construir frente ao “objeto *a*” uma posição de escamoteação, frente a angústia de castração proveniente do registro do Outro barrado. Valas (1990) nos salienta uma consideração importante sobre tal, todavia ainda calcado na perspectiva freudiana sobre a questão:

A cena perversa, atuada ou não, também não permite qualificar uma perversão. Já insistimos nisso o bastante, e todo o estudo freudiano do fantasma “Bate-se numa criança” (1919) é feito para demonstrá-lo; um fantasma perverso pode existir no neurótico. O interesse, para nós, desse estudo, que é uma contribuição do conhecimento da gênese da perversão, é que ele demonstra como esse fantasma se constitui na dialética edipiana. Freud sublinha que a perversão se desenvolve em relação aos objetos de amor incestuoso, e se revela a ele pela primeira vez de forma clara no terreno do Édipo. (VALAS, 1990, p.110)

Acreditamos que a relação da constituição da fantasia neurótica para com a síntese do complexo de Édipo já é, para nós, verossímil. Todavia, com relação a posição do neurótico, de sê-lo barrado pelo Outro, portanto um ser de falta capaz de desejar, teremos com relação a esta posição uma diferença substancial no caso da posição perversa perante ao Outro. Lacan (1963) escreve um artigo a equivaler o imperativo categórico de Kant (sendo este tomado a partir da concepção da ética do ato moral como devir) para com Sade. No entanto, para o autor a lei que se exerce sobre a perversão é a lei do gozo, não da moralidade como para Kant, vigorada por um Deus maléfico. Neste sentido, seria o perverso um instrumento e escravo do gozo do grande Outro. Lacan (1963) coloca que assim como aqueles que se submetem a uma lei moral de forma inequívoca, como na situação kantiana, ocupa também o perverso uma posição de objeto inequívoco do gozo do Outro, detentor de uma lei maligna, a escravizá-lo, fadando-o de sua liberdade. Nesse sentido, Lacan (1963) coloca que o perverso não é aquele que desconsidera a lei, mas sim aquele que se coloca como objeto de um ser supremo que se restaura por meio de uma opressão maléfica a qual se sujeita o perverso, fazendo com que este se coloque como objeto de contemplação da amoralidade neurótica. Neste sentido, a equivalência de apatia entre o ser moral de

Kant e o perverso de Sade pode ser tomada como uma posição comum, visto que ambos são subvertidos por uma lei única e prevalecente, são posições não desejantes, posições cristalizadas rigidamente a servir um imperativo opressor. O desejo do perverso negocia o tempo todo com a vontade de gozo do Outro, embora Lacan (1963) tenha cabidamente equivalido a estrutura perversa com o imperativo categórico de Kant.



Figura 8: Foto de um fotógrafo apelidado de Marquês de Sade da câmera 35 mm
Fonte: Fotografia de Helmut Newton

Deste modo, podemos entender, que o perverso evita sua divisão ao gozar pelo imperativo do Outro, tomando o outro como objeto de seu sadismo, todavia ele evita sua divisão, ou seja, recusa a angústia de castração sendo, na verdade, ele o objeto em questão. Miller (2001) nos dá exemplo disto por meio de uma interpretação para com a questão referente ao exibicionista:

Só lhes mostrarei que o Outro é necessário na perversão. Pensem no exibicionista para o exibicionista, o público, a audiência, são

essenciais... Exibir os próprios genitais no espelho não interessa. É verdade, o neurótico obsessivo, eventualmente, abre a porta para mostrar seus genitais ao pai morto... Mais isto é abrir a porta para ninguém, porque o pai morto não se materializa como em Hamlet (...). Mas o exibicionista precisa do Outro. É interessante mostrar os próprios genitais a uma mulher e tratar de produzir vergonha no Outro, a vergonha por não ser igual. É assim que o exibicionista trata de fazer existir a mulher, podemos dizer que a mulher só existe para o exibicionista. (MILLER, 2001, p.35)

4.5 O conflito de pulsões

Se já entendemos que o traço perverso na neurose pode ser compreendido como uma maneira de escamotear a castração e ao mesmo tempo de desafiar a lei imposta pela entrada do pai em Édipo, quais seriam os mecanismos psicodinâmicos pulsionais correlativos a este sintoma?

Bem, chegamos ao momento mais delicado do nosso trabalho, ao mais precioso e talvez, ainda com mais sorte, ao mais frutífero, visto que, é por meio da relação entre a pulsão e o traço perverso na neurose que podemos vir a estabelecer nosso objeto. Todavia, acreditamos ser possível de relacioná-lo a futuras averiguações fenomenológicas da clínica psicanalítica. Não obstante, estamos cientes de que é exatamente neste ponto que podemos encontrar a incoerência ou a impossibilidade de uma inferência mais fundamental. Ainda assim, validos pelo nosso pequeno percurso, iremos empreender os argumentos prováveis a sustentar a relação para qual acreditamos residir determinada pertinência teórica, a relação que pode vir a garantir a emergência objetiva de nossa empreitada. Desta maneira, nosso empenho se consiste em desenredar a dinâmica pulsional referida aos neuróticos atravessados pelo traço perverso e demonstrar como a protuberância disto pode ser indispensável a clínica.

Como vimos anteriormente, sabemos que é na passagem edípica, como assinala Lacan (1958), que se dá a estruturação neurótica e logo, em conseqüência, o reconhecimento da castração, ou seja, a abdicação do desejo incestuoso direcionado a mãe, como o desejo de amor ou de aniquilar o pai, sendo estes a *posteriori* interpelados pelo nome do pai.

Estamos convencidos que a distinção estrutural entre neurose e perversão pôde encontrar sua lógica, respectivamente, pela diferença entre a posição de reconhecimento e a de denegação da castração e que é através da renúncia deste desejo de completude que o falo é eleito como o balizador da posição neurótica. Porém, como Freud concebe ao genital a posterior organização pulsional sexual antes apenas em simbiose para com a mãe? Retomemos os “Três ensaios da teoria da sexualidade” (1905) como uma das nossas linhas de arranjo:

Durante os processos da puberdade firma-se o primado das zonas genitais e, no homem, o ímpeto do membro agora capaz de ereção remete imperiosamente para o novo alvo sexual: a penetração numa cavidade do corpo que excite sua zona genital. Ao mesmo tempo, consuma-se no lado psíquico o encontro do objeto para qual o caminho fora preparado desde a mais tenra infância. Na época em que a mais primitiva satisfação sexual estava vinculada à nutrição, a pulsão sexual tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno. Só mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação. Em geral, a pulsão sexual torna-se auto-erótica, e só depois de superado o período de latência é que se estabelece a relação originária. Não é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno toma-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro. (FREUD, 1905, vl.VII, p.210)

Mesmo reconhecendo que em 1905 Freud ainda não havia feito a distinção entre pulsões de vida, como sexuais, e as de morte, como as do ego, como demonstramos ao estabelecermos a razão do terceiro dualismo pulsional, iremos recorrer a esta passagem para o início de nosso raciocínio. Lacan (1958), reconhecendo ele mesmo ser um freudiano, deu um novo sentido ao que Freud (1905), como vimos acima, chamou de “época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação” (Freud, 1905, p.210). A partir da concepção lacaniana de ser o inconsciente estruturado pela linguagem, como também pela lógica da teoria do significante, Lacan (1958) considera que é a entrada do pai na cena de satisfação da criança que obriga que esta tenha de simbolizar a

mãe pelo significante oferecido pela linguagem. Em termos pulsionais, tem a pulsão sexual de encontrar um destino genital, pois é com a entrada do pai que a satisfação pulsional sexual para com a mãe é rompida e, no caso do menino, a fim de manter seu órgão viril, este renuncia ao amor pela mãe, pois tem de eleger o falo a partir da identificação com o pai. Reputemos tal preposição vinculada à lógica simbólica da castração. Em Freud (1923) temos a consideração de que o superego é uma herança do complexo de Édipo. Então, temos a partir disto, a seguinte equivalência: o temor da castração e a inscrição psíquica da lei, assim como a organização pulsional genital, são resultantes dos mecanismos psíquicos conferentes a inauguração do superego, a renúncia do amor pela mãe e do destino pulsional sexual a esta tem um relação dialética com a inscrição das instâncias repressoras psíquicas instauradas por um pai que, como assegura Lacan (1958), é primeiramente um privador de um desejo impossível. Daí então o sentido de Freud (1905) considerar que o encontro com o objeto promove futuramente a necessidade de um reencontro nos prováveis e futuros relacionamentos amorosos, visto que, algo houvera, em momento anterior, barrando este primeiro encontro supostamente integral, caso não se desse uma interpelação capaz de barrar uma pulsão sexual e fazê-la ter de eleger e organizar-se em outro:

...escrevi que a escolha de um objeto, tal como mostramos ser característica da fase puberal do desenvolvimento, já foi freqüente ou habitualmente feita durante os anos da infância: isto é, a totalidade das correntes sexuais passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação à qual elas buscam alcançar seus objetivos. Isto é, então, a maior aproximação possível, na infância, da forma final assumida pela vida sexual após a puberdade. A única diferença está no fato de que na infância a combinação dos instintos parciais sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não foram de forma alguma. Assim, o estabelecimento desta primazia a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a organização da sexualidade. (FREUD, 1923, VI.XIX, p.157-158)

Em momento anterior deste trabalho chegamos a relacionar o artigo de Freud (1940) intitulado "Divisão do eu nos processos de defesa" com outro trabalho anterior, no qual Freud (1927) trabalhou a questão do fetiche. Embora a relação entre estes dois trabalhos freudianos tivesse a necessidade de ser melhor precisada, não sabemos ao certo se, devido a densidade do texto de 1940, uma outra relação pudesse ser colocada e tomar a cena de importância em nosso construto metodológico. Contudo, não nos interessa quantificar quais das duas relações possíveis apresentam o maior grau de relevância em menção ao nosso objeto de investigação, mas sim também reconhecer em aspectos de qualidade a segunda que, a saber, se predispõe a uma dinâmica para com as pulsões. Em um dos seus últimos trabalhos, próximo ao momento de sua morte, Freud (1940), provavelmente em resposta a uma postulação equivocada de sua filha Anna Freud, registra o já mencionado artigo "Divisão do eu nos processos de defesa", no qual o posicionamento freudiano se caracteriza em reconhecer que ao deparar-se com a castração certificada pelo princípio de realidade o sujeito encontra-se acometido por um conflito psíquico. Alberti (2005) nos ajuda a melhor explicitar as origens deste conflito:

Em Divisão do eu nos processos de defesa, Freud (1940/1975) retoma o tema do horror desenvolvido inicialmente em 1920. Ele então o associa explicitamente ao encontro com a castração e diante da qual o sujeito deve se decidir entre duas opções: ou reconhecer o perigo real, curva-se diante dele e renunciar a satisfação da pulsão; ou desmentir a realidade, criar uma crença de que não há razão para se apavorar, a fim de poder conservar a satisfação. Trata-se, portanto, continua Freud, de um conflito entre a exigência da pulsão e a interferência da realidade que contraria. (ALBERTI, 2005, p.350)

Ora, sem mais delongas, vamos tentar explicitar de uma maneira mais direta o que estamos chamando de conflito de pulsões. Para tal, tomemos um exemplo simples, muito semelhante aos exemplos freudianos acerca da perversão enquanto um desvio de uma função normal da pulsão sexual a fins reprodutivos. Bem, se temos uma pulsão

topograficamente organizada no genital, como lembra Freud (1920), no caso as pulsões de vida, para um fim específico de conservação da espécie e em outra situação temos uma excitação sexual em uma cena não reprodutiva, em meio a posições fantasiosas nas quais a implicação mútua de dor pudera estar presente, como, por exemplo, em parcerias de sadismo e masoquismo (nas quais, hipoteticamente, o orifício anal pudera entrar como representante de uma excitação pulsional), temos, legitimamente, pelo viés psicanalítico, uma cena na qual está presente um traço perverso na neurose, como também uma pulsão sexual não genital. Lembramos que seria descabido entrar numa discussão com relação a consideração dos casos de inversões como perversões. Entretanto, ainda sobre a lógica freudiana que contorna o que ele chama de organização pulsional genital, a serviço da reprodução, temos a seguinte preposição:

A única diferença está no fato de que na infância a combinação dos instintos parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma. Assim, o estabelecimento desta primazia a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a organização da sexualidade. (FREUD, 1923, vl.XIX, p157-158)

Porém, se uma pulsão que deveria estar organizada para um único fim, está a serviço de uma satisfação no desprazer, teríamos em uma mesma situação de representações pulsionais as duas classes de pulsões presentes. Porém esta inferência não é totalmente nossa, pois Freud (1923) se aproxima muito desta conclusão como veremos a seguir:

A hipótese não lança qualquer luz sobre a maneira pela qual as duas classes de instinto se fundem, misturam ou ligam uma com a outra, mas que isso se realiza de modo regular e de modo muito extensivo, constitui pressuposição indispensável à nossa concepção. Parece que, em resultado da combinação de organismos unicelulares em formas multicelulares de vida, o instinto de morte da célula isolada pode ser neutralizado com sucesso e os impulsos destrutivos desviados para o mundo externo, mediante o auxílio de um órgão especial. Esse órgão especial pareceria ser o aparelho muscular; e o instinto de morte pareceria então, expressar-se- ainda que, provavelmente, apenas em parte- como um instinto de destruição dirigido contra o mundo externo e outros organismos. (FREUD, 1923, vl.XIX, p54)

O que desejamos ressaltar, nesta fundamental passagem freudiana, a fim de irmos construindo nosso argumento, é a admissão, por Freud (1923), de uma possível mistura de duas classes de pulsões, todavia o que estamos chamando atenção é que, talvez, seja possível uma situação específica em que as duas encontrem representação ao mesmo tempo, ou que, uma esteja fundida e a serviço de outra. Em linhas gerais, a hipótese que colocamos é que no caso do traço perverso as duas classes de pulsões podem encontrar representação já que, em função da inscrição do supereu, o neurótico a perverter uma pulsão sexual genital, seria acometido por uma satisfação, mais comumente pela dor e desprazer, vinculadas a pulsão de morte, como também por uma coerção do aparelho em função da organização da libido genital ter de respeitar as inscrições edípicas. A transgressão da "pulsão de vida" a serviço do prazer e dor sem finalidade sexual reprodutiva caracterizaria um traço perverso na neurose, pois a partir da lógica libidinal instaurada no complexo de Édipo, a qualidade desta pulsão deveria ser mantida em direção a outros objetos, que não a mãe, com a finalidade reprodutiva de conservação da espécie. Em Édipo teríamos a eleição do falo como um balizador da posição neurótica de recalçamento de pulsões sexuais à sua finalidade normal. Freud (1923), mais uma vez, nos ajuda a argumentar relacionando a perversão para com a fusão de pulsões:

Uma vez que tenhamos admitido a idéia de uma fusão das duas classes de instintos uma com a outra a possibilidade de uma 'desfusão' – mais ou menos completa- se impõe a nós. O componente sádico do instinto sexual seria o exemplo clássico de uma fusão instintual útil; e o sadismo que se tornou independente como perversão seria típico de uma desfusão, embora não conduzida a extremos. A partir desse ponto, obtivemos a visão de um grande domínio de fatos que não tinham sido considerados sobre essa luz. Percebemos que, para fins de descarga, o instinto de destruição é habitualmente coloca a serviço de Eros; suspeitamos que a crise epilética é o produto e indicação de uma desfusão instintual, e viemos a compreender que a desfusão instintual e o surgimento pronunciado do instinto de morte exigem consideração específica entre os efeitos de algumas neuroses graves, tais como, por exemplo, as neuroses obsessivas. (FREUD, 1923, vl.XIX, p.54)

Sobre a des fusão das pulsões não temos, ao menos por enquanto, condições de assegurar se de fato é verossímil atribuir esta possibilidade com certa clareza a nossa questão. Todavia, notem uma importante colocação freudiana, de que as pulsões de morte podem estar a serviço de Eros. É exatamente nesse ponto que muito de nosso argumento pode se estabelecer, sobretudo pelo fato de isto poder haver numa cena sem a conservação da finalidade reprodutiva normal como, por exemplo, a de componente sádico. Se temos na psicodinâmica do aparelho uma estimulação de qualidades de pulsões díspares a serviço da satisfação sádica poderemos ter, a *posteriori*, um comprometimento do sujeito, a saber, exercido pelas instâncias repressoras do psiquismo, mais precisamente do superego, herdeiro do complexo de Édipo. A constituição de uma fantasia, tomando como exemplo a sádica, conjecturada por um conflito de pulsões, pode fazer com que o sujeito sofra por uma culpa não inteligível, por sua vez, em função de haver instâncias psíquicas a exercerem repressão capaz de incidir, sobre uma pulsão que encontra satisfação por uma finalidade não original normal, uma coerção a barrar estas forças inconscientes. O que podemos, em certa medida assegurar, calcados na perspectiva freudiana, é que, em termos topográficos, no traço perverso na neurose, a organização pulsional de Eros encontra uma representação de não conservação aliada a uma quota de satisfação no desprazer em conjunto com as pulsões mortíferas. Sobre a incidência deste possível conflito pulsional psíquico temos uma importante consideração a citar:

Embora alguns autores se pautem no movimento pulsional perverso de transgressão, ultraje e desafio das leis e instituições para justificarem que não houve a inscrição da castração, acredito que uma afirmação taxativa dessa ordem é equivocada. Pois, se não houvesse uma inscrição da Lei ainda que falha, por que haveria a necessidade do perverso de recusá-la e mais, de fazer o neurótico, ele próprio, transgredi-la?! É certo que a Lei é ultrajada e subvertida na perversão, porém este é mais um indício da existência de um conflito psíquico. (CASTRO, 2004, p.56)

Ressaltemos esta importante colocação de Castro (2004), pois ela nos ajuda a formular a compreensão da psicodinâmica pulsional que opera o traço. Consideremos relevante e inteligível atribuir a representações pulsionais, não relacionais para com suas finalidades originais, a organização deste conflito psíquico. Consideremos, em certa medida, que o argumento pode ter encontrado determinada estruturação, todavia mesmo sabendo que podemos ter conseguido lançar luz com um pouco mais de perícia sobre nosso objeto, temos ainda uma questão importante a tratar. De que sofreria o sujeito tomado pelo conflito psíquico do traço perverso na neurose? Quais seriam as conseqüências para o sujeito em função de uma possível fusão de pulsões a causar um conflito psíquico? No que nosso trabalho pode se útil a aqueles que debruçam seu saber para acolher os que sofrem por sintomas caracterizados por esta roupagem e psicodinâmica? Sobre estas questões, acreditamos que, temos, mesmo que minimamente, condições de trabalhar mais um pouco com a intenção de exercer sobre estas certas atribuições lógicas. Todavia, lançaremos uma última sobre os conflitos pulsionais das perversões neuróticas, mas que, infelizmente, não teremos condições de nos debruçar assiduamente, contudo acreditamos que compartilhar esta dúvida é de grande valia para outras formas de leitura. Seria possível uma organização das pulsões de morte na topografia genital? Seria esta uma premissa mais esclarecedora do que a que apresentamos?

4.6 O traço e a culpabilidade

Nosso intento em prosseguir, por mais um módulo nossa discussão, é muito mais em função de uma preocupação para o aproveitamento de nossa pesquisa no correlativo a uma posição clínica do que para com a tentativa anterior de, com todas as forças, sustentar um argumento interpretativo. Nosso desejo de continuar nosso norte investigativo pode ser justificado pela ética para com o sujeito, que qualquer trabalho de psicologia, seja ele qual for, deve ter em sua essência esta como pilar.

Neste momento, seria por este viés e por esta causa que estaríamos a estabelecer a relação da culpabilidade para com o traço perverso na neurose. Todavia acreditamos ser possível dialogar com nossa anterior inclinação de encontrar uma relação equivalente a uma coerência teórica por meio de vinculações argumentativas mais caracterizadas como “conceituais”.

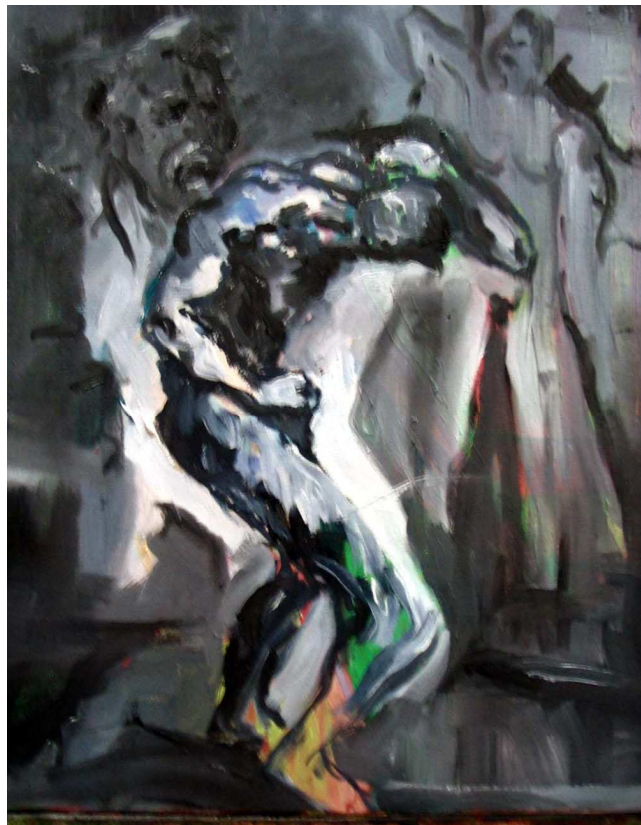


Figura 9: Figura representando o sentimento de culpa e as instâncias repressoras do psiquismo

Fonte: Arquivos pessoais

Deste modo, se estamos a argumentar que o sujeito neurótico, a atuar seu traço perverso, pode, *a posteriori*, sofrer de culpa, temos a obrigação de tentar explicar o porquê. Ora, se a lei fora realmente instaurada e subjetivada, é evidente que, quando esta for transgredida, mesmo que por forças inconscientes a fazer pressão por meio das pulsões do psiquismo do sujeito, este irá sofrer por uma culpa mortífera exercida pelas instâncias repressoras do ego. Logo, mesmo que este sujeito tenha em seu discurso uma justificativa para sua atuação tomando-a como não

amoral, é o inconsciente o conhecedor da verdade moral deste sujeito, deste modo o sentimento de culpa independe de sua relativização para com as imposições culturais. Sobre a perspectiva psicanalítica a respeito da culpa temos a ajuda de um estudo psicanalítico, a tratar sobre a relação da lei para com a psicanálise em uma defesa de mestrado, feito por Salum (2001):

Alguns tipos de caráter encontrados no decorrer do trabalho analítico é o título de três artigos escritos em 1916, como resultado do tratamento dado por Freud à discussão sobre a culpa. Para ele, sentir-se culpado era equivalente em estar de posse de uma consciência. Apesar de tomar alguns exemplos da literatura, a preocupação de Freud era mostrar como o sentimento de culpa aparece de diferentes formas na clínica. Pode-se dizer que ele concluiu que o surgimento do sentimento de culpa é a maneira de verificar a instauração do complexo de Édipo. Nesse momento da teoria, o complexo de Édipo aparece como responsável pela função da consciência. Posteriormente, isso será modificado. Primeiro, porque a função da consciência será exercida pelo supereu, herdeiro do complexo de Édipo. (SALUM, 2001, p.32)

Por conseguinte, se a origem do sentimento de culpa se dá também pela castração instaurada pelo complexo de Édipo e se é o supereu o herdeiro de tal, temos que a fantasia apenas permite a eleição de uma montagem na tentativa de negligenciar a subjetivação da falta, porém não das conseqüências da atuação deste traço para o sujeito. Subsecutivamente, é provável que este sentimento ocorra sem que o sujeito atribua à atuação de seu traço perverso uma ligação originária para seu sentimento de culpa, que pode permanecer e ser deslocado para uma causa elegida arbitrariamente, muito provável por meio de mecanismos projetivos. Todavia, deve estar atento o analista e em um lugar no qual o analisando, detentor desta questão, não o espera, pois deve o analista saber o momento certo de responsabilizar tal sujeito por este sentimento a atormentá-lo, visto que, segundo Lacan (1966), pela condição de sê-lo um sujeito será este sempre responsável. Outrora, não sabemos ao certo a que ponto essa responsabilidade é capaz de responder a todas as mortíferas exigências pulsionais providas do inconsciente.

Neste sentido, fica, mesmo que dentre tantas outras, uma não alcançável, intrigante e obscurecida última questão: por que queres tanto de nós morte, se nosso destino é encontrar-te?

5 CONCLUSÃO

Sobre os elementos constitutivos a abarcar nosso objeto, ou seja, referencialmente ao que nosso estudo pudera nos acrescentar, ficará marcado de uma maneira mais concisa e incidente o quanto o preconceito, provido do senso comum, frente a esta questão, pode funcionar como uma mantilha de ignorância repulsiva no referente às perversões. De fato é mais comum que tudo aquilo que pulsa em nós e se assemelha ao maléfico seja projetado em outrem, portanto é verossímil a compreensão da necessidade humana de criar mitos para que estes sim possam se responsabilizar, por meio de uma efígie terrível e aversiva, por aquilo que és-nos sádico, egoísta e sempre insatisfeito.

Poder-se-ia considerar que nossa perquirição e fascínio por Crowley seriam, num primeiro momento, um dos principais responsáveis por este trabalho, todavia tudo remetido ao considerado "homem mais perverso do mundo" é de difícil averiguação e verídica, sendo permeado por mitos e distorções no referente à sua filosofia Thelema. Jamais saberemos quais mistérios rodeavam a coerência e a mente deste homem, assim como, se tomados por preconceitos, sua nobreza e poder também serão sempre desconhecidos.

O primeiro passo que tomamos neste estudo foi o de reconhecer a primeira quebra de paradigma proposta por Freud (1905), ou seja, a de que a perversão nada tem de demoníaca, mas sim de humana, sobretudo ao conferente a sexualidade infantil. Também por Freud (1905), pudemos atribuir sentido a perversão como um desvio normal, não patológico, a qualquer finalidade que preservaria o coito reprodutivo. Neste sentido, defrontar-nos-emos com a caracterização de que a perversão seria uma prática sexual a intermediar um objetivo final reprodutivo. Neste sentido, pelo viés freudiano constituído em 1905, estaríamos concebendo a perversão apenas como um desvio, não como uma estrutura ou patologia

sexual e, evidentemente, também não poder-se-ia considerá-la uma patologia social, como considera alguns autores contemporâneos, como Calligaris (1991).

Sobre o texto de 1927, algo nos ficou mais bem esclarecido, visto que, seria a formação do fetiche uma perversão patológica. Desta forma, caberia a inferência de que a negligência da finalidade sexual normal, sendo substituído todo o investimento pulsional a um único objeto, seria o parâmetro estipulado por Freud (1927) que nos nortearia a considerar o fetiche como uma posição frente a castração, como uma tentativa de tamponar a falta estrutural do sujeito. O fetiche, tomado como um facilitador da vida erótica, pode ser considerado como um desvio patológico, pois não atribui ao objeto de satisfação a função de intermediador de uma cena de coito sexual normal. Neste caso, é tomado o objeto do fetichista como único meio da satisfação erótica pulsional. Sobre estes texto, algo nos suscita uma significativa dúvida. Bem, compartilharemos mais uma de nossas dificuldades, pois acreditamos que é por meio destas que talvez tenhamos conseguido, ao menos que parcialmente, acrescentar sobre que caminho devemos ou não persistir para entendermos melhor as possibilidades, ou do não possível, referenciais ao nosso recorte. Será que é no texto de 1927 que Freud mais se aproxima do que Lacan concebe como uma estrutura perversa, logo uma posição particular frente ao Outro? Ora, não cabe a nós inferir uma possível equivalência do pensamento freudiano para com o estruturalismo de Jacques Lacan. Embora em muitos momentos em Freud uma curiosidade, apenas relevante a um diálogo informal, de uma possível alusão transportada ao movimento estruturalista seja possível, iremos nos abster de tal discussão. Entretanto, como no caso anterior sobre "O Fetichismo", existem elementos capazes de nos suscitar que Freud se aproximou do pensamento estruturalista em psicanálise. Todavia, admitimos que discutir isto de maneira mais profunda seria facilmente refutado por qualquer um dos leitores que tomassem em mãos

este trabalho. Contudo, nossa divagação pode ser defendida apenas pelas inquietantes dúvidas que este trabalho nos colocara, pois no texto "Uma criança é espancada" há quem defenda que é neste momento que Freud se aproxima de uma noção estrutural entre neurose e perversão. Porém, finalizamos apenas reafirmando que este texto é mais equivalente as postulações acerca da fantasia, por Lacan. Não obstante, nossa asseveração é em decorrência do nosso breve caminho.

Em "Instinto e suas vicissitudes" de 1915, já a relacionar a perversão para com as dinâmicas pulsionais, tomamos conhecimento das parcerias sado masoquistas a operarem, em ambas posições, por meio do já explanado mecanismo de fruição, o exercício da satisfação desviante, portanto pervertida. É este estudo de grande importância a todos aqueles que se pendem a compreenderem sobre as origens psíquicas para comportamentos perversos, visto que, seriam as pulsões os principais elementos incidentes nas circunstâncias referidas. Logo, a respeito da satisfação pulsional nas parcerias nas quais a dor entre em fruição, acreditamos, que a posição perversa equivalente a noção da realização de uma fantasia já é, em certa medida, atuada nas referidas situações sado-masoquistas.

Por conseguinte, concluímos que, é em "Bate-se numa criança", também por Freud (1919), que nos aproximamos mais do entendimento sobre a origem das perversões sexuais, assim como da possibilidade de estabelecer de forma análoga uma relação para com a constituição da fantasia, porém em um momento posterior do trabalho, todavia por Lacan. A relação da constituição da fantasia como uma forma de realizar um desejo de amor pelo pai, todavia interpelado por meio do movimento do complexo de Édipo, pôde ser também uma das conclusões desta etapa de nossa investigação, sobretudo no referente ao início da formalização lógica da idéia de um traço de outra estrutura a incidir sobre uma posição neurótica. Não obstante, a relação da fantasia de amor pelo pai, realizada nas projeções de uma criança a assistir outra sendo espancada, pode ser

relaciona para com o Complexo de Édipo. Deste modo, é neste ponto que cremos que o traço perverso, explicitado no artigo freudiano, pode ser equivalido para com uma posição a escamotear a castração, a negá-la. Como exemplificamos no matema de Lacan, todavia em ocasião posterior deste trabalho.

No segundo momento de nossa empreitada, as conclusões foram acerca das pulsões, justamente pelo fato de que o entendimento deste conceito, para estabelecermos de modo mais coerente nosso objeto de pesquisa, fora tomado como fundamental. Em consequência disto, foi que estabelecemos a transposição do primeiro dualismo pulsional ao segundo, e fora justamente sobre o último que argumentamos, todavia a *posteriori*, que poderia haver mediante a um conflito psíquico, ao qual relacionamos com o traço perverso na neurose, uma dinâmica representacional conferida a uma exigência atribuída à fusão das duas classes pulsionais. Sobre a questão das pulsões, o que atribuímos a amplitude deste conceito como o pormenor mais fundamental, pelo fato de sê-lo referido ao nosso objeto, no caso, ao conflito, seria o fator de ser a pulsão uma exigência e pressão a incidir sobre o aparelho uma força a satisfazer-se, ignorando as qualidades representacionais. Em deferimento disto e considerando apenas a finalidade do limítrofe entre o orgânico e o psíquico, ou seja, sempre, incondicionalmente, a menção é a satisfação.

Em nosso terceiro capítulo, sendo este o responsável a conferir a nossa metodologia uma qualidade conceitual relacional a nosso objeto, obtivemos a oportunidade de imputar ao mito da castração, por Freud (1913), originalmente atribuído aos conteúdos de Totem e Tabu, uma compreensão regressiva acerca da castração enquanto um estatuto ontológico a incidir sob a condição psíquica do sujeito. Já na corrente estruturalista da psicanálise de Jacques Lacan, arrogamos a metáfora paterna enquanto a fundadora da castração, todavia a diferença da lógica lacaniana, pôde ser conferida enquanto uma teoria a colocar a incidência da linguagem como inauguradora da castração. Logo, o argumento a

estabelecer tal preposição, seria de que haveria, no recobrimento da realidade exercido pela linguagem, uma proporção de realidade imensurável e não alcançada por tal.

Tal referência, porém é-nos cabível assumir que não adentramos conceitualmente de maneira a estabelecer um entendimento por meio de uma decomposição satisfatória, pode ser estabelecida ao que Lacan chamou de "objeto *a*", ou seja, sobre esta parcela de falta não contornada pela linguagem. Em conseqüência disto, a relação plausível, seria a de estabelecer a incidência deste aspecto castrado da linguagem, sobre a própria subjetivação da castração pelo sujeito.

Portanto, o matema e a lógica da fantasia, frente a falta, é exatamente a forma de determinados sujeitos lidarem com incidência da castração. Todavia, todo nosso esforço foi de relacionar a castração pelo movimento em Édipo com uma possível psicodinâmica pulsional. Contudo, reconhecemos que tal articulação é merecedora de um cuidado extremo, devido a lógica teórica e a epistemologia discursiva a diferir Lacan e Freud, ou seja, isto justifica a nossa consideração preliminar de que nosso eixo seria substancialmente mais caracterizado como freudiano. Embora saibamos que as contribuições de Jacques Lacan foram indispensáveis. Entretanto, acreditamos na parcela de legitimidade a sustentar nosso intento.

A conclusão mais arriscada de todo nosso esforço, pode ser melhor explicitada de forma a exemplificar. Logo, registremos um último convite reflexivo para, quem sabe, melhor esclarecermos nossas últimas considerações. Em outras palavras, a menção seria sobre um pormenor a nos servir como um modelo explicativo. Logo, sobre tal teríamos que, no caso específico, de uma cena na qual o que se dá é, justamente, uma parecia sado-masoquista. Contudo, temos de saber que, há nesta um conteúdo também sexual, desprovido de qualquer pudor e finalidade reprodutiva. Ainda sobre tal, consideremos a prevalência de toda uma

estimulação pulsional, portanto, logo teríamos uma representação desta, em deferimento de toda a força de estimulação equivalente a pulsões de vida, pois são estas sexuais, embora saibamos que não representadas isoladamente neste caso. Daí o mais complexo, pois se as pulsões sexuais são conferidas a auto-conservação e a ordem reprodutiva, como podem estas, no caso que nos ceva, tomarem representação apenas por princípios de satisfação também genital e não unicamente genital? O que nos advém de todo estudo é que, considerando topograficamente a distinção referida, há nesta cena uma representação das pulsões de vida, como também das de morte, pois de fato, é impossível negligenciar a repressão mortífera do superego no referente a um comportamento pulsional sexual sem a finalidade original. A incidência fundamental que viria a flexionar-se seria a do mecanismo de culpa que, estabelecer-se-ia por lógicas psicodinâmicas, vinculadas às operações de gozo e coerção registradas pelo superego.

Se há, como conclui Freud, uma força pulsional que vigora em favor da auto-conservação, ou, ainda melhor, para a conservação vital da espécie, e esta pulsão se funde a outra que tem como objetivo o contrário, temos então um encontro, possível, por exemplo, por meio de uma fantasia exercida através da agressividade, que traz efeitos de representação não muito claros. Assim como acerca de uma conclusão seguinte, sobre que pulsão estaria a serviço de outra. A pulsão de vida encontra, através de um traço perverso, uma possibilidade de representar-se, todavia desviada de sua função original de manutenção da vida. Porém, se Freud coloca que as pulsões de morte estariam a serviço de Eros, instaura-se neste ponto a nossa problemática. Contudo, com a relação a nossa primeira premissa, nada mais no sentido da finalidade original de Eros se confirma no caso fantasia sádica neurótica, visto que, o que temos é apenas um engodo de uma finalidade pulsional vívida originária. Logo, poderíamos inferir, em certa medida e com cautela, de que seria o traço também, através de uma satisfação desconhecadora de

fins de prazer ou desprazer, um posicionamento topográfico não genital da pulsão de vida, todavia isto se torna complexo ao pensarmos na possibilidade de uma fusão, mesmo porque há a conseqüência psíquica, no caso de uma situação na qual traço provoca uma atuação, da incidência da culpa instaurada pelo supereu. Contudo, é legítimo distinguir que estamos, neste caso, a tratar de dois momentos diferentes, a culpa e a satisfação tirânica do superego são *a posteiori*, logo isto não resolve nosso problema de pesquisa. Portanto, uma inclinação sexual de finalidade não reprodutiva é uma afronta a função genital organizada pela fase edípica.

Todavia, é verossímil reconhecer que não nos ficou muito claro se o que acontece realmente pode ser atribuído a outra topografia pulsional, no caso a menção é sobre nossa primeira hipótese, ou sobre a possível ou improvável incidência de pulsões mortíferas a serviço de Eros, organizadas na "esfera" genital. Reside no Édipo, e na operação da neurose, a opção pelo que requer a castração, ou seja, uma organização genital a reconhecer o poder da interdição para com uma pulsão que em função desta teve de ser renunciada.

A nossa mais fundamental premissa pode ser apresentada pela possível idoneidade de um neurótico com traço perverso, a admitir através de uma cena de agressividade, na qual as pulsões podem se apresentar por meio de uma fusão, como adverte Freud (1923). Logo, através da agressividade em fruição, numa representação de satisfação por meio da emergência das pulsões sexuais, como também através da representação das de morte, poderíamos considerar eqüipotente, ao menos na tentativa de estabelecer uma noção da psicodinâmica pulsional do traço, para com a manobra da fantasia perante a castração. Pudera ser esta uma manobra neurótica, devido a diferença relativa a castração para com o perverso, impulsionada, mas não somente, por um conflito de pulsões a erigir uma atuação, a ignorar a angústia de castração.

As pulsões sexuais facultam-se à satisfação por meio do prazer ou desprazer vivenciado na cena de agressão, ou, tomando outro exemplo, a uma relação sexual sádica viabilizada pelo uso do orifício anal. Todavia é também em função da incidência da castração, pela qual esta pulsão deveria estar a serviço da vida, portanto da reprodução, de acordo com as preposições freudianas acerca da organização genital infantil e do artigo de 1920, que as pulsões de morte também, concomitantemente encontram satisfação, mesmo porque em uma cena de agressividade, haverá a incidência do mecanismo de culpa neurótico. Portanto, sofre o neurótico, através de seu sintoma de um traço perverso, talvez viabilizado por um conflito pulsional, de forças originalmente findadas a destinos opostos, que encontram satisfação por meio de um engodo representacional, por dinâmicas de prazer e desprazer, de uma culpa mortífera que originalmente se dá a partir de uma pulsão que apenas teria a finalidade de satisfazer-se pela manutenção da vida.

O que de mais precioso encontramos até aqui, poderia ser considerado, porém com todo o cuidado, o esmiúce da psicodinâmica pulsional como um conflito equivalente à montagem da fantasia neurótica a perverter a lógica da castração, instaurada a partir da passagem edípica, que a toda momento é reincidida, por meio do sentimento de culpa no psiquismo do sujeito.

A partir da nossa árdua e tortuosa tentativa de estabelecer uma conclusão, não tão explicitada por nossas frutíferas fontes, acerca de nossa pergunta, que só fora possível por muito do que Freud genialmente postulara, consideramos que chegamos a um único ponto em que discordamos substancialmente deste importante e célebre autor. Este se refere a asseveração de Freud (1905), ainda nos "Três ensaios da teoria da sexualidade", de que a variação do interesse sexual por outras partes do corpo do sujeito, a intermediar o objetivo normal, não poderia somar sobre o conhecimento das pulsões sexuais. Todavia, reconhecemos que nossa discordância não é fundamental devido ao fato de que o próprio

autor, mais tardiamente, muito nos acrescentou acerca do conhecimento das pulsões sexuais por meio de muitos outros e mais brilhantes caminhos do que o nosso.

Entretanto, ainda mais importante que o nosso objeto e método, seria a nossa conclusão mais bem relacionada ao possível acréscimo a aqueles a sustentar uma posição clínica, um lugar, para o emergir da verdade dos sujeitos acometidos por esta questão. O mais digno a ser atribuído dentre estas linhas, ainda mais do que nossa investigação metapsicológica, é a advertência a aqueles que se dispõem a acolher um sujeito neurótico atravessado pela perversão.

Não obstante, ainda mais significativa do que fazer uma leitura do traço perverso na neurose, como um possível conflito de pulsões, seria jamais esquecer de que este seria um sintoma, vinculado a atuações providas do inconsciente, a provocar uma culpa mortífera em um sujeito desconhecedor da verdade que incide sobre sua edificação fantasiosa frente a castração. Jamais, em nenhuma hipótese, deve intervir o analista a partir de um lugar moral, em consequência de suas motivações e do possível asco aos conteúdos confiados pelo analisando. Seria esta posição negligente com uma formação sintomática obscura e conflituosa. A propensão perversa pela neurose, por mais bizarra que possa ser a roupagem deste sintoma em casos específicos, foi compreendida por nós apenas como uma posição de temor frente aquilo que devasta e atormenta a maioria de todos nós, ou seja, a castração. No entanto, seria esta uma incomum, entretanto humana, posição frente aos fantasmas mais absolutos sobre a condição de existência deste sujeito. Não deve o analista tentar irromper este gozo mortífero sem uma dinâmica transferencial segura e por meio de intervenções vinculadas aos significantes livre-associados pelo analisando. Muito devido ao fato de que se o sintoma deste sujeito é desafiar, de maneira inconsciente, a lei moral psíquica provida do Outro, pode muito bem este sintoma ser reproduzido em análise e estendido para um analista também moral, ou seja, o risco

maior seria de que o analista poderia perder, por meio de sua posição não analítica, o que há de mais precioso: um lugar de acolhimento para o emergir da verdade inconsciente e a possível elaboração deste sujeito frente a seu próprio gozo, assim como a subjetivação de sua culpa, muito provavelmente ainda não experienciada psiquicamente como correlativa a este fenômeno de atuação, por ventura de uma psicodinâmica inconsciente.

Por conseguinte, em linhas finais, devemos registrar de maneira segura que, sobretudo, não há nenhum trabalho, nenhuma teoria, nem as mais brilhantes relações conceituais, a inovar nossa fundamentação teórica, que possam ser admitidas com mais veemência do que a posição, o lugar que se oferece aos sujeitos tendentes ao tratamento desta questão por um psicanalista. Sobre todas as nossas dificuldades, sobretudo aquilo que tentamos estabelecer teoricamente, de tudo poderíamos “abrir mão”, sobretudo no caso de nos defrontarmos com uma incoerência teórica. Porém jamais, em nenhuma situação, por mais específica, é-nos legítimo negligenciar um lugar de acolhimento, uma responsabilidade clínica – enquanto posição ética - para os sujeitos em questão, por mais violentos que estes possam ser consigo através de outrem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Sônia. A perversão, o desejo e a pulsão. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 5, n 2, p. 341-360, set. 2005.
- ANDRÉ, Serge. **A impostura perversa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1995.
- ASSOUN, P-L. **Le fétichisme**. 1. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- CALLIGARIS, C. (1991). **A sedução totalitária**. In L. T. Aragão, Clínica do social. São Paulo: Escuta.
- CASTRO, Silvia Lira Staccioli. **Aspectos teóricos e clínicos da perversão**. 2004, 87f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos: problematização do sujeito, psicologia, psiquiatria e Psicanálise**. 2a edição, Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2002.
- FREUD, Sigmund (1986). Publicações psicanalíticas e esboços inéditos. In: _____ . **Carta 52**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 281-287. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, I).
- FREUD, Sigmund (1905). Fragmentos da análise de um caso de histeria, Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos. In: _____ .**Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 119-230. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, VII).
- FREUD, Sigmund (1913). Totem e tabu e outros trabalhos. In: _____ . **Totem e Tabu**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 13-163. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XIII).

FREUD, Sigmund (1920). Além do princípio do prazer, Psicologia de grupos e outros trabalhos. In: _____ . **Além do princípio do prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.13-75. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XVIII).

FREUD, Sigmund (1915). A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. In: _____ . **O instinto e suas vicissitudes**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 117-144. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, Sigmund (1923). O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos. In: _____ . **O ego e o id**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 15-80. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XIX).

FREUD, Sigmund (1923). O ego e o id, Uma neurose demoníaca do século XVII e outros trabalhos. In: _____ . **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.155-161. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XIX).

FREUD, Sigmund (1940). Moisés e o Monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos. In: _____ . **A divisão do Ego no processo de defesa**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 290-296. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XXIII).

FREUD, Sigmund (1914). A história do movimento psicanalítico, artigo sobre Metapsicologia e outros trabalhos. In: _____ . **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.77-108. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XIV).

FREUD, Sigmund (1927). O futuro de uma ilusão, O mal estar na civilização e outros trabalhos. In: _____ . **O Fetichismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p.151-160. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XXI).

FREUD, Sigmund (1919). Uma neurose infantil e outros trabalhos. In: _____ . **'Uma criança é espancada' – Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais**. Rio de Janeiro: Imago,

1996, p.193-218. (Edição Standard das Obras psicológicas de Sigmund Freud, XVIII).

GOLDENBERG, Ricardo. **Goza! Capitalismo, globalização, psicanálise.** Ed. Álgama: Salvador, 1997.

LACAN, Jaques. **Escritos.** In: _____. Kant com Sade (1963). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 776-803.

LACAN, Jaques. **Escritos.** In: _____. A ciência e a verdade (1966). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 869-892.

_____. **O seminário, Livro 5: as formações do inconsciente,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1957-1958. (impressão 1999).

_____. **O seminário, Livro 3: as psicoses,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1955-1956. (impressão 1988).

_____. **O seminário, Livro 17: O avesso da psicanálise,** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1969-1970. (impressão 1992).

LANTERI-LAURA, G. **Leitura das perversões:** história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979. (impressão 1994).

MILLER, J. A. **Fundamentos da La perversión.** In: _____. Perversidades, Collección Orientación Lacaniana. Buenos Aires: Eol, Paidós, 2001, p. 15-38.

ROBERTSON, S. **The Illustrated Beast: The Aleister Crowley Scrapbook.** London: Red Wheel/Weiser Ed., 2002.

SALUM, Maria José Gontijo. **A psicanálise e a lei: uma abordagem das relações entre o crime e o castigo.** 2001, 93f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, Belo Horizonte.

VALAS, Patrick. **Freud e a perversão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.